

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CAMPUS BACABAL

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

**IANKA RAQUEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO**

**CAMINHOS DO FOGARÉU:** um estudo sobre o estabelecimento da Procissão do Fogaréu em Bacabal/MA.

BACABAL/MA

2021

**IANKA RAQUEL OLIVEIRA DO NASCIMENTO**

**CAMINHOS DO FOGARÉU:** um estudo sobre o estabelecimento da Procissão do Fogaréu em Bacabal/MA.

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Humanas - Sociologia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Sociologia, na Universidade Federal do Maranhão – Campus de Bacabal.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Raquel Oliveira do Nascimento, Ianka.

CAMINHOS DO FOGARÉU : um estudo sobre o estabelecimento da Procissão do Fogaréu em Bacabal/MA / Ianka Raquel Oliveira do Nascimento. - 2021.

65 p.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2021.

1. Festa. 2. Procissão. 3. Tradição. I. Silva Neris, Wheriston. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me concedido a força e a perseverança para não desistir desta pesquisa, bem como as capacidades intelectuais permitidas para tal ação.

Aos meus familiares que me proporcionaram meios e incentivos para essa jornada e a ter coragem para manter o foco e poder concluir este trabalho.

A meus amigos da faculdade e de outras localidades que sempre acreditaram em meu potencial, e que sempre me deram ânimo e incentivo nos estudos.

A meus amigos da igreja, incluindo os frades franciscanos, que me proporcionaram os relatos de experiência, os depoimentos e os relatos pessoais no tocante a este estudo.

A meus professores da faculdade, em especial a meu orientador que me enviou os materiais e excelentes orientações.

## RESUMO

Inscrito em um conjunto amplo de pesquisas dedicadas à análise das festas religiosas no Brasil, o objetivo da presente monografia é compreender os significados, reinvenções e ressignificações da Procissão do Fogaréu, tendo como laboratório de observação um contexto sociocultural representado pela cidade de Bacabal, no Estado do Maranhão. Metodologicamente, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa se baseia em entrevistas, exploração de materiais produzidos pelos organizadores, notícias recolhidas em sites locais e da província franciscana e na problematização do próprio engajamento da autora com a referida festa, na condição de organizadora. A pesquisa teve ainda como foco as particularidades da festa no tocante ao visual, ao espetáculo teatral que ela proporciona, e envolve os membros ano após ano. Tendo em vista as dimensões de análise apresentadas, o trabalho se divide em três momentos. No primeiro, exploramos algumas das problemáticas conceituais levantadas por autores diversos a respeito das festas no campo das Ciências Sociais. Em seguida, exploramos a experiência histórica de instalação da procissão do fogaréu no Brasil, bem como algumas de suas particularidades em quadros regionais contrastados. Por fim, analisamos o ritual propriamente dito, suas condições de instalação, organização e os significados simbólicos e subjetivos associados ao ritual em pauta. Desse modo, por meio de pesquisas bibliográficas, experiência própria, entrevistas, observação direta, essa pesquisa nos permite refletir como essa festa religiosa proporciona momentos únicos para quem dela participa, seja como entretenimento, formação de laços de amizade, fuga da rotina, pagamento de promessas, vivência de emoções etc.

**Palavras-chave:** Procissão; Festa; Tradição.

## ABSTRACT

Inscribed in a wide range of researches dedicated to the analysis of religious festivals in Brazil, the objective of this monograph is to understand the meanings, reinventions and resignifications of the Procession of the Fogaréu, having as a laboratory of observation a sociocultural context represented by the city of Bacabal, in the state of Maranhão. Methodologically, in addition to bibliographical research, the research is based on interviews, exploration of materials produced by the organizers, news collected from local sites and from the Franciscan province and on the problematization of the author's own engagement with the referred party, as an organizer. The research also focused on the particularities of the party in terms of the visual, the theatrical spectacle it provides, and involves the members year after year. In view of the dimensions of analysis presented, the work is divided into three stages. In the first, we explore some of the conceptual issues raised by different authors regarding parties in the field of Social Sciences. Then, we explore the historical experience of installing the fire procession in Brazil, as well as some of its particularities in contrasted regional frames. Finally, we analyze the ritual itself, its installation conditions, organization and the symbolic and subjective meanings associated with the ritual in question. Thus, through bibliographic research, personal experience, interviews, direct observation, this research allows us to reflect on how this religious festival provides unique moments for those who participate in it, whether as entertainment, forming bonds of friendship, escape from routine, payment of promises, experiencing emotions etc.

**Keywords:** Procession; Party; Fogaréu

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1.** Espacialização da Procissão do Fogaréu

**Figura 2.** Farricocos

**Figura 3.** Farricoco e o estande do Cristo flagelado

**Figura 4.** Homens em procissão

**Figura 5.** Tradição passada de pai para filho

**Figura 6.** Percurso Fogaréu 2019

**Figura 7.** Vestimenta dos atores

**Figura 8.** Confeção das tochas

**Figura 9.** Tochas

**Figura 10.** Procissão do Fogaréu em Bacabal

**Figura 11.** Última Ceia de Jesus

**Figura 12.** Busca de Jesus

**Figura 13.** Crucificação e morte de Jesus

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CPP** – Conselho Pastoral Paroquial

**DPHAN** – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**OVAT** – Organização Vilaboense de Artes e Tradições

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ENTRANDO NO MUNDO DA FESTA: Conceitos, fronteiras e historiografia dos atos festivos .....	15
2.1 As festas e suas múltiplas definições .....	15
2.2 Sobre as fronteiras e limites entre os tempos sagrado e profano .....	17
2.3 As festas como mediação social .....	20
2.4 Festa à brasileira: rotas, heranças e experiências.....	22
3 PROCISSÃO DO FOGARÉU NO BRASIL: Origens históricas, ritos e experiências regionais .....	29
3.1 Sobre as origens históricas da procissão do fogaréu no Brasil .....	29
3.2 A Procissão do Fogaréu em Goiás .....	34
3.3 Procissão do Fogaréu no Piauí.....	39
4 A PROCISSÃO DO FOGARÉU EM BACABAL: Implantação, organização e ritualidade	44
4.1 A implantação da Procissão em Bacabal – MA.....	44
4.2 Organização da festa .....	48
4.3 Ritualização da festa .....	53
Considerações Finais .....	61
Referências Bibliográficas.....	63

## 1. INTRODUÇÃO

Inscrito em um conjunto amplo de pesquisas dedicadas à análise das festas religiosas no Brasil, o objetivo da presente monografia é os significados, reinvenções e ressignificações da Procissão do Fogaréu, tendo como laboratório de observação um contexto sociocultural representado pela cidade de Bacabal, no Estado do Maranhão. Metodologicamente, além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa se baseia em entrevistas, exploração de materiais produzidos pelos organizadores, notícias recolhidas em sites locais e da província franciscana e na problematização do próprio engajamento da autora com a referida festa, na condição de organizadora. Trata-se aqui, pois, de um processo de instalação recente (2015) em uma localidade de uma festa que tem longa história no Brasil, e cuja compreensão das motivações, desafios e significados simbólicos podem ser constituídos com proveito para compreensão sobre o universo simbólico das festas e ritos populares.

Como sabido, o estudo das festas, em particular as festas cristãs, como objeto de estudo das Ciências Humanas, apresentam diversas significações e reinvenções de acordo com o contexto em que está inserido. Nesse sentido, este trabalho busca analisar a Procissão do Fogaréu, uma festa religiosa, com os seus processos transformativos e as razões que a impulsiona, conseguiu resistir por séculos, atravessando o além-mar, no contexto das Grandes Navegações, fixando-se em diversas partes do Brasil, tornando-se tradição, até chegar a cidade de Bacabal no Maranhão.

As festas cristãs marcam a história de diversas sociedades, tornam-se lugar de celebração de suas crenças, da manifestação da fé, da construção de memória e da identidade cultural, até tornarem-se tradições que passam de gerações em gerações. Ao passo que as festas cristãs vão acontecendo todos os anos, elas se reinventam, se desenvolvem, se transformam ou são caídas no esquecimento pelas novas gerações. Ou seja, a cada novo contexto de cada ano, a festa tende a se adaptar para que de fato ela possa vir acontecer.

A festa do Fogaréu é realizada em data móvel, no período da Semana Santa, especificamente na quarta-feira santa, tempo de preparação dos cristãos para a Páscoa. Antes de começar a Semana Santa, durante quarenta dias que a precede, os cristãos dedicam-se à

conversão, penitência e esmola no período em chamamos de Quaresma<sup>1</sup>, período que antecede à celebração da ressurreição de Cristo. O período da Semana Santa, iniciado no Domingo de Ramos<sup>2</sup> e terminando no Domingo da Ressurreição<sup>3</sup> ou Domingo de Páscoa, é celebrado a paixão de Cristo, sua morte e ressurreição. Cada dia dessa semana faz referência a um acontecimento e tem sua importância e celebração para seus fiéis. De acordo com o site Jovens Conectados (2019), na quarta-feira santa é realizado, em muitas paróquias, a famosa “Procissão do Encontro”<sup>4</sup> e na quinta-feira santa é comemorado o lava-pés<sup>5</sup> e ao início do chamado Tríduo Pascal e faz memória da Última Ceia de Jesus com seus apóstolos antes de sua crucificação.

Um dos pontos altos da celebração da Semana Santa é a Procissão do Fogaréu, uma caminhada de fé e devoção à luz de tochas ou velas com personagens encapuzados à procura de Jesus pelas ruas da cidade. Em Bacabal acontece na quarta-feira santa logo no início da noite através do Santuário Igreja Matriz de São Francisco das Chagas, localizado no Centro da cidade.

A cidade de Bacabal está localizada a cerca de 240 km de distância da capital do estado, São Luís, e no interior do Estado do Maranhão, região nordeste brasileira. A população do município, segundo dados do IBGE, é de mais de 100.000 habitantes. Atualmente a Diocese<sup>6</sup> de Bacabal está sob a administração do bispo D. Armando Gutierrez, FAM. No período em que ocorre a procissão, o percurso em que acontece a caminhada é acompanhado, segundo dados da diocese, por aproximadamente 12 mil pessoas. Dessa forma, o cotidiano noturno da cidade é alterado, visto que possibilita o aumento da renda dos ambulantes que vendem lanches.

---

<sup>1</sup> O Período da Quaresma tem seu início na Quarta-feira de Cinzas e termina antes da Missa Lava-pés, na Quinta-feira Santa. Os cristãos se recolhem em oração e penitência para lembrar os 40 dias passados por Jesus no deserto e os sofrimentos que ele suportou na cruz.

<sup>2</sup> Celebra a entrada triunfal de Jesus Cristo, em Jerusalém, poucos dias antes de sofrer a Paixão, a Morte e a Ressurreição. Este domingo é chamado assim, porque o povo cortou ramos de árvores, ramagens e folhas de palmeiras para cobrir o chão por onde o Senhor passaria montado num jumento. Com isso, Ele despertou, nos sacerdotes da época e mestres da Lei, inveja, desconfiança e medo de perder o poder. Começa, então, uma trama para condená-lo à morte.

<sup>3</sup> É o dia santo mais importante da religião cristã. Depois de morrer crucificado, o corpo de Jesus foi sepultado, ali permaneceu até a ressurreição, quando seu espírito e seu corpo foram reunificados. Do hebreu “Peseach”, Páscoa significa a passagem da escravidão para a liberdade.

A presença de Jesus ressuscitado não é uma alucinação dos Apóstolos. Quando dizemos “Cristo vive” não estamos usando um modo de falar, como pensam alguns, para dizer que vive somente em nossa lembrança.

<sup>4</sup> Os homens saem de uma igreja ou local determinado, com a imagem de Nosso Senhor dos Passos; as mulheres saem de outro ponto com Nossa Senhora das Dores. Acontece, então, o doloroso encontro entre a Mãe e o Filho. O padre proclama o célebre “Sermão das Sete Palavras”, fazendo uma reflexão, que chama os fiéis à conversão e à penitência.

<sup>5</sup> É um ritual litúrgico realizado, durante a celebração da Quinta-feira Santa, quando se recorda a última ceia do Senhor.

<sup>6</sup> A diocese é a unidade geográfica mais importante da organização territorial da Igreja, sendo esta sob a administração de um bispo. O Papa cria as dioceses em todo o mundo e escolhe os seus bispos.

Proponho-me em analisar o processo de implantação da procissão do Fogaréu na cidade de Bacabal, bem como suas motivações, como também, principalmente, os realizadores, os bastidores, as tensões, como também todo o processo de excitação que antecede a procissão, com o intuito de conhecer e reconhecer sua organização e importância na sociedade. Nesse sentido, apresentar também uma reflexão sobre as dinâmicas e interações dos que se disponibilizam a participar do processo de construção social desse espetáculo, nas quais ocorrem: caminhada, apresentações teatrais, cantos, momentos de espiritualidade e evangelização. A questão da preparação e da realização da procissão se torna o cenário principal dessa pesquisa pelo fato de envolver os diversos grupos e pastorais da igreja, pessoas das mais variadas idades e as instituições públicas da cidade, tais como a prefeitura, corpo de bombeiros, etc. Dessa forma, podemos realizar e responder ao longo desta pesquisa as seguintes indagações: Como se estruturam as relações entre a instituição religiosa e a instituição pública? Como se dá a sociabilidade entre os grupos envolvidos na preparação da festa? Onde termina o religioso e inicia-se o secular? Quais as motivações que transformam esses "fiéis" em personagens ativos dessa festa? Como a rua se torna uma extensão da Igreja? (BARBOSA; OLIVEIRA, 2018).

Trata-se de uma temática religiosa, dessa forma não podemos deixar em segundo plano o viés mítico que ela possui, tendo em vista que é através deste que as relações e comportamentos são fundamentadas e colocadas em sentidos múltiplos. Nesse ponto de vista, o interesse pela pesquisa desdobra-se pela minha própria necessidade de me situar no mundo através das festas religiosas da Igreja Católica e do desejo de construir e realizar uma pesquisa sobre a história local. Como uma das organizadoras da Procissão do Fogaréu no município, senti a necessidade de registrar, documentar e refletir sobre esse evento que se tornou tradição na cidade. Tendo nascida em família católica, por influência principalmente de minha avó, e familiarizada com os hábitos litúrgicos e cerimoniais da igreja, confesso ter sentido certa estranheza com a implantação recente da referida festa do fogaréu, apesar de, desde o início, ser incentivadora e apoiadora da ação.

Num momento posterior, quando pensei na possibilidade de realização de um trabalho acadêmico, tive a intuição de que a procissão poderia ser um objeto de investigação, porém desconhecia seu potencial como objeto de construção da cultura no cotidiano e de reflexão, haja vista que possui uma essência semiótica, como diria Clifford (2008), caracterizado pela busca da construção dos significados. "Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias

e a sua análise” (p.4). Nesse sentido, a ideia de cultura – forma de pensar, sentir, acreditar, comportamento aprendido e orientações padronizadas – pode ser aplicada com êxito nesta investigação. É nesse sentido que entendemos que a festa explica alguma coisa, porque é uma idealização e produção humana que ao longo do tempo foi sendo expandida e concretizada assim como as diversas teorias e conceitos já firmados na História. Como toda e qualquer teoria, ela não explica tudo, mas esse é o padrão de surgimento dos conceitos.

Como já mencionado, para este trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas. Começo sobre as múltiplas definições e interpretações sobre festas, bem como suas ressignificações e sentidos para determinados lugares e épocas, dialogadas por diferentes autores e participantes. O que nos leva a compreender, assim como assinala Mary Del Priore (1994), como uma investigação sobre “a cultura do povo”, permitindo estudar melhor o próprio folclore, tendo em vista que esse conhecimento coletivo além de ser uma realidade concreta é dinâmico conforme as readaptações da sociedade brasileira. Dessa forma, vem a preocupação em questionar quais os sentidos que a festa possuía para as diversas esferas da sociedade, assim como a apropriação de seu espaço; ou mesmo o que havia de comum entre elas na sociedade colonial e o que ainda nos influencia nos dias de hoje. A abordagem mais adequada, dadas as fartas bibliografias, foi a interpretativa, apesar de ter dificuldade em encontrar materiais que abordassem a festa de maneira específica. Após esse levantamento teórico, foram abordadas as origens da festa e suas fixações em determinados lugares no Brasil. Nas etapas finais desta pesquisa, enfatizando a festa no município em questão, senti a necessidade, porém, fruto da minha participação como colaboradora da festa, de complementar meus dados sobre mais informações do evento em primeira mão.

No primeiro capítulo do trabalho são exploradas as dimensões de análise e as questões conceituais, bem como as múltiplas definições da festa, que é resultado dos novos contextos sociais e econômicos desenvolvidos ao longo do tempo. Em seguida, são abordados os aspectos semelhantes e diferentes entre os significados de festa e os de cerimônia religiosa, considerando seu acontecimento em um determinado tempo, seja ele sagrado ou profano, e de quem as participa<sup>7</sup>, além da sua dimensão histórica e heranças culturais de viés religioso.

Posteriormente, no segundo capítulo, o trabalho segue para a Procissão do Fogaréu em um contexto mais específico (nacional), representados, de forma exploratória aqui, pelo Estado de Goiás e Piauí e, logo no último capítulo, pelo município de Bacabal. Originária do processo

---

<sup>7</sup> O número e a maneira de participação das pessoas são levados em consideração para que uma festa tenha uma característica.

de colonização da América, essa festa veio como um mecanismo de controle social afim de explorar e dominar as terras recém encontradas no território brasileiro, até ser transformada em um evento religioso de fé e devoção no Brasil. A sua permanência se dá pela preservação ao longo dos tempos pelo próprio povo do local, tornando-se tradição centenária em diversas partes do Brasil.

O último capítulo estabelece uma verdadeira exploração específica da festa na cidade de Bacabal, no Maranhão, trazendo desde a sua implantação até a sua realização. Nesse sentido, nos revela diferentes visões acerca do evento, haja vista que esta é preparada e organizada meses antes da sua realização. Os momentos de preparação diferenciam-se dos momentos de sua execução, os trabalhos, portanto, são diferenciados; as emoções e sensações dos organizadores variam conforme os trabalhos fluem. É nesse mix de sentimentos que a Procissão do Fogaréu no município é realizada ano pós ano.

## 2. **ENTRANDO NO MUNDO DA FESTA:** Conceitos, fronteiras e historiografia dos atos festivos

O objetivo deste capítulo é duplo. Por um lado, trata-se de explorar as principais dimensões de análise e as questões conceituais dentro do universo das ciências sociais quanto aos significados da festa. Por outro, trata-se também de explorar algumas das dimensões históricas sobre o lugar das festas na formação histórica do Brasil. Desse modo, no texto que segue, começaremos por abordar as múltiplas definições da festa e seus significados simbólicos a partir da perspectiva nas ciências sociais (AMARAL, 1998). Na sequência exploramos a questão das fronteiras entre o sagrado e o profano e das mediações que atravessam o ato festivo. Por fim, recorrendo principalmente à historiografia nacional a respeito do tema, exploramos parte das heranças e permanências que explicam a importância, a longevidade e a moldagem da festa à brasileira.

### **2.1 As festas e suas múltiplas definições**

O aspecto interpretativo das festas em geral, nos revela uma gama de definições. Essa amplitude é resultado, também, dos novos contextos sociais e econômicos desenvolvidos ao longo dos tempos. Podemos defini-las, de maneira geral, como uma forma de fortalecer ou promover laços de quem as participa, fuga da rotina de trabalho, como uma forma de entretenimento ou descanso, troca de energias diversificadas e também como uma maneira de superação das diferenças, tendo em vista a participação das mais diversas pessoas promovidas em um mesmo espaço (AMARAL, 1998).

As festas são grandes promotoras de laços com pessoas das mais diversas idades. As pessoas que participam do processo de organização da festa, por exemplo, são, em maioria, membros da própria comunidade, dessa forma, para que haja eficácia nesse processo, os organizadores precisam entrar em harmonia, fortalecendo cada vez mais a aproximação entre eles. Além disso, cada membro participante possui uma vida profissional, fazendo com que esse “trabalho extra” seja uma fuga da habitual rotina. Nessa perspectiva, considerando o grau de valorização da profissão de cada um perante a sociedade num processo de hierarquização,

podemos perceber que esse processo desaparece para que o coletivo possa evidenciar sobre o individualismo.

Por mais que uma festa seja laica por origem, ela possui certas características de cerimônia religiosa, obtendo as mesmas finalidades: “aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo que de delírio que não é desprovido de parentesco com o estado religioso [...]” (DURKHEIM, 1968 APUD RITA AMARAL, 1998, p.25). Além disso, podemos observar também as mesmas manifestações culturais, tais como cantos, músicas, danças, movimentos, etc. Em seu sentido amplo, as festas possuem o poder de diminuir a distância entre as pessoas que dela participam, causam um estado de agitação e ultrapassam as normas da coletividade (AMARAL, 1998).

Sendo a coletividade que produz a festa, a participação e o tempo são fundamentais para entendermos seu princípio classificatório (AMARAL, 1998). Toda festa precisa da presença de algum grupo, mas apenas a presença não faz sentido, uma vez que a participação desse grupo é diferente do puro espetáculo. Nesse sentido, para que uma festa seja considerada boa é necessária a participação de um número expressivo de pessoas. “Tudo é festa durante o tempo da festa” (AMARAL, 1998, p. 40), ou seja, as festas possuem datas específicas de comemoração, dessa forma, para cada tempo, seja ele longo ou curto, há o que celebrar. Todos os símbolos incorporados nas festas tornam-se membros participantes da festa.

A definição de festa como sendo a celebração simbólica de algo, seja ela, um evento, um homem, um deus ou algum fenômeno natural, (AMARAL, 1998) em um determinado tempo voltado para tal comemoração, recai sobre o aspecto diverso da festa. As diversas naturezas da festa (religiosas, econômicas, artísticas, lúdicas), nos leva a pensar na multiplicidade de atividades coletivas com objetivos expressivos.

Na tentativa de uma definição, Jean Duvignaud (Apud AMARAL, 1998), divide a festa em festas participação e festa de representação. Na categoria das festas de participação está incluída a participação da comunidade em seu conjunto, conscientes, portanto, dos mitos e ritos que são representados ali. Já nas festas de representação, são apontados aqueles que participam de maneira direta e indireta. Os que participam de maneira direta são colocados como atores, representados em número restrito, e que participam diretamente do evento. Os que participam de maneira indireta são colocados como espectadores, abordados em maior número, principalmente nos dias de hoje com a difusão das redes sociais e reportagens na televisão. Tanto os atores quanto os espectadores reconhecem a estrutura da festa, no entanto, a percepção é diferenciada.

No Brasil, atualmente, a grande festa centenária do Fogaréu pode ser encontrada numa categoria intermediária entre os dois tipos de festa apresentados por Jean Duvignaud. É festa de participação quando analisada em nível local, haja vista que os próprios membros da comunidade a organizam e participam, tomados de consciência do processo estrutural do evento. E é de representação quando os meios de comunicação a transmitem e quando os turistas a prestigiam. Porém nem sempre aqueles que a observam conseguem compreender o seu significado ou o que está sendo dramatizado, senão aquilo que é comum em todas as festas: a mediação entre o profano e o sagrado.

“Este tipo de comemoração foi intensamente utilizado pelos colonizadores europeus no Brasil e alhures onde, aliados à Igreja, fizeram delas um meio de inserção, dominação e presença das Coroas no Novo Mundo” (AMARAL, 1998, p. 43). Alienados da cultura europeia, os povos nativos do Novo Mundo foram manipulados pelas forças celebrativas dos europeus na nova terra.

Ainda sobre a busca de definir festa, é necessário admitirmos que:

[...] a festa é mais que seu momento, envolvendo dimensões complexas, e que a análise atual é apenas um aspecto de uma busca de sentido mais vasta: tenta-se explicar a festa, mas ela é uma questão colocada à nossa civilização há dois ou mais séculos. Sem resposta. Interrogação tanto mais intrigante e surpreendente quando se pensa a festa em momentos em que a economia de mercado e o crescimento industrial criaram condições sociais que tenderiam a eliminar estas manifestações que caracterizam as sociedades não dominadas pela produtividade e racionalidade ocidentais.” (AMARAL, 1998, p. 44)

Essas buscas de definição evidenciam cada vez mais o aspecto interpretativo e transformativo das festas ao longo do tempo, uma vez que seu sentido pode mudar de acordo com o contexto em que está inserida. É indispensável, portanto, interpretar as festas sem levar em consideração seu contexto social e econômico, seus elementos simbólicos, bem como seus participantes.

## **2.2 Sobre as fronteiras e limites entre os tempos sagrado e profano**

A partir das diversas definições de festa, podemos refletir sobre a seguinte indagação: Existem limites entre o tempo sagrado e o tempo profano das festas?

Nos escritos de Mircea Eliade (1992), encontramos duas espécies separadas de Tempo: o tempo sagrado<sup>8</sup> (das festas periódicas) e o tempo profano<sup>9</sup> (duração temporal ordinária). Sendo esse tempo para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Além disso, ela nos revela a diferença entre esses dois tipos de tempos.

O tempo das festas periódicas é abordado como um tempo reversível, um tempo litúrgico<sup>10</sup> que representa a reatualização de um evento sagrado do passado, na qual "mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota" (ELIADE, 1992, p.38), mas que pode se reinventar. Dessa maneira, para que possamos participar religiosamente de uma festa, é necessário sairmos do tempo profano para que de fato possamos nos reintegrar ao tempo mítico das festas religiosas. A primeira aparição do tempo sagrado é reencontrada na festa (ELIADE,1992), pois:

A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gesta, que são justamente reatualizadas pela festa. Em outras palavras, reencontra-se na festa a primeira aparição do Tempo sagrado, tal qual ela se efetuou ab origine, in no tempore. Pois esse Tempo sagrado no qual se desenrola a festa não existia antes das gesta divinas comemoradas pela festa. Ao criarem as diferentes realidades que constituem hoje o Mundo, os Deuses, fundaram igualmente o Tempo sagrado, visto que o Tempo contemporâneo de uma criação era necessariamente santificado pela presença e atividades divinas. (p.38)

Nesse aspecto, o homem religioso, portanto, vive em duas espécies de tempo: o sagrado e o profano. Entretanto, o tempo sagrado torna-se distante do tempo profano, de modo que o homem religioso se recusa a viver com exclusividade o tempo histórico para viver o tempo sagrado, (ELIADE, 1992) na qual a duração temporal pode ser “interrompida” periodicamente para celebrar por meio de ritos o que é definido como sagrado. Já o homem não religioso não possui essa preocupação de viver e celebrar o tempo litúrgico.

---

<sup>8</sup> Tempo em que se desenrolou a existência histórica de Jesus Cristo, santificado por sua pregação, por sua paixão, por sua morte e ressurreição.

<sup>9</sup> É o tempo do cotidiano, sem sentido, onde ocorrem atos privados de significados religiosos.

<sup>10</sup> É um Tempo mítico, quer dizer, um Tempo primordial, não identificável no passado histórico, um Tempo original, no sentido de que brotou “de repente”, de que não foi precedido por um outro Tempo, pois nenhum Tempo podia existir antes da aparição da realidade narrada pelo mito.

O tempo profano é evidenciado no homem não religioso que conhece a heterogeneidade do tempo, de modo a viver modos temporais variados e intensos: “quando escuta sua música preferida ou, apaixonado, espera ou encontra a pessoa amada, ele experimenta, evidentemente, um ritmo temporal diferente de quando trabalha ou se entedia”. (ELIADE, 1992, p.39). “O tempo litúrgico, neste caso, é inacessível, não se mostra como um “mistério”, mas sim “a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência (ELIADE, 1992, p.39)”. É como se o homem religioso tivesse a necessidade de depositar sua fé em algo para poder viver, enquanto que o homem não religioso ficasse apenas na crença de sua existência sem colocar sua fé em alguma divindade. Entretanto, Eliade (1992) nos esclarece que por mais que o homem profano tente dissociar-se do sagrado ele:

[...] conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos. Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto desse passado: É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua ainda a ser assediado pelas realidades que recusou e negou.

[...] o homem a religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. (ELIADE, 1992, p. 98)

Nesse sentido, as festas brasileiras se configuram desde o início do período colonial, pois Jurkevics (2005) enfatiza que o espaço de socialização se dava, na maioria da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os maiores momentos de interação social eram nas festas religiosas. Dessa forma, através dessa mescla cultural possibilitadas no período colonial o homem não religioso é tomado por heranças religiosas. A exemplo disso, existem pessoas não religiosas que não comem carne vermelha na sexta-feira santa<sup>11</sup> por mera influência do meio em que vivem.

Em contrapartida, é importante compreender que tanto o tempo sagrado quanto o tempo profano são paradoxos evidenciados nas festas tanto religiosas como profanas. Nesse aspecto, essa oposição de sentido nos revela uma grande aproximação entre esses dois mundos considerados totalmente diferentes.

---

<sup>11</sup> A Sexta-feira Santa é a sexta-feira que ocorre antes do domingo de Páscoa. Neste dia, os cristãos relembram o dia em que Jesus Cristo morreu crucificado. É celebrado a Paixão e Morte de Jesus, o silêncio, o jejum e a oração devem marcar este momento, aliado à abstinência de carne vermelha.

### 2.3 As festas como mediação social

A festa tem como fundamento básico a comunicação, toda festa nos passa uma mensagem, seja ela verbal ou não-verbal, podendo assim ser comparadas às linguagens. A visão da festa como fenômeno universal convertido em um modelo de objeto de estudo, através de seus elementos de significação, são expressadas por meio dos mitos que fundamentam a festa, da música, da dança, da alimentação, e sua repetição em regiões geograficamente distantes com povos diferentes. De modo comparativo às linguagens, os fenômenos que podemos observar são consequências de algumas leis gerais, uma vez que os fenômenos da festa são os mesmos dos tipos linguísticos, para facilitar sua compreensão. Desse modo, pode-se pensar a festa como mediação entre vários pares de oposição: acumulação e desperdício, passado e presente, história e mito, sagrado e profano, propondo-a como mediação social universal por excelência (AMARAL, 1998).

Para Amaral, a festa é um dos meios privilegiados no ajustamento de mediações da humanidade. Ou seja, o fundamento comum de todas as festas é o da mediação. “Porque são todas mediações estabelecidas de acordo com os momentos vividos pelas sociedades, correspondendo a fins específicos, mas constituindo sempre um meio de comunicação” (AMARAL, 1998, p.47) com os opostos, exaltando as contradições da humanidade, transformando-os em caminhos.

Ao analisarmos as festas a partir de sua estrutura, observamos que ela possui ligação aos aspectos ditos profanos. Dessa forma, pela forte semelhança, no sentido de definição, entre festas religiosas e festas profanas, é perceptível que elas acabam promovendo os mesmos objetivos (AMARAL, 1998), tornando-se uma verdadeira mediação para o ato celebrativo. Entretanto, o sentido e o alvo da comemoração da festa seria o diferencial, haja vista que o festejar é a celebração de algo, para algo ou para alguém de maneira específica, assim feito tanto nas festas religiosas como nas profanas.

A festa está diretamente relacionada ao objeto de estudo pelo qual os pesquisadores pretendem analisar. Conforme assinala Amaral (1998), no caso do Brasil, as festas se ligam essencialmente à religião<sup>12</sup>, enfatizando seu aspecto ritualístico e comunicativo. Porém, ainda não é o suficiente para apreensão de seu sentido, uma vez que a apresentação de rituais e

---

<sup>12</sup> O fato do Brasil ter sido colonizado por países católicos faz com que as trocas culturais entre nativos e europeus sejam evidenciadas através da religião. Todos tiveram sua parcela de acréscimo simbólico para enriquecer a festa. Dessa maneira, as festas no Brasil são ligadas em sua essência à religião.

comportamentais andam juntas, dessa forma é obtido duas finalidades: seu caráter evangelizador que, por vez é secular em alguns momentos, e do seu caráter comunicativo para além do que é realmente para transmitir. Assim sendo, esses elementos são estreitados, mas que permanecem juntos na maioria dessas festas religiosas.

O caráter religioso é o central, os outros são acrescidos. O viés religioso torna-se secularizado quando este tem apenas a participação das pessoas através do aspecto turístico, tornando-se uma atração ou um divertimento. Já na questão do aspecto comunicativo, percebemos a introdução de elementos que não fazem parte da festa, como por exemplo, a propaganda de algo ou transmissão de mensagens sobre assuntos que não são correspondentes à festa.

Com o desenvolvimento cada vez mais forte do capitalismo na sociedade brasileira, as festas, ressalta Amaral (1998), ao invés de entrarem em decadência, cada vez mais surgem motivos para festejar. Entretanto, podemos perceber, de um lado, o enfraquecimento de algumas festas na atualidade, quando comparadas com as dos séculos passados, analisando a presença da camada popular, da elite e da estética. Nesse sentido, podemos observar que as festas no período colonial eram muito mais elitizadas, devido sua origem e expansão, e também produzidas com ornamentos luxuosos para chamar e atrair <sup>13</sup>cada vez mais a atenção do público, que ao passar dos séculos foram se transformando em festas mais comuns para a camada popular. E por outro lado, o enriquecimento de algumas festas em específico, “que foram adquirindo muito em símbolos e riqueza com o passar do tempo, como é o caso da maior festa brasileira, o Carnaval, o Círio de Nazaré, no Pará ou o São João nordestino” (AMARAL, 1998, p.34).

As antigas festas populares, em individual as festas religiosas, em virtude de novos contextos econômicos e sociais acabaram se fragmentando em “formas diferentes de festejar conforme foram se formando grupos em decorrência do crescente processo de desenvolvimento capitalista” (AMARAL, 1998, p.34-35), bem como o crescimento de diferentes denominações religiosas.

As festas religiosas, já enfatizava Jurkevics (2005), têm sido redescobertas e revitalizadas como um campo rico de investigação histórica ultrapassando sua visibilidade e revelando manifestações culturais marcadas por um tempo e identificação coletiva. O tempo do

---

<sup>13</sup> Os ornamentos luxuosos e festas fora dos tempos sagrados serviram para atrair aqueles que ainda não tinham sido convertidos a fé católica.

relógio, portanto, é trocado pelo tempo mítico da eternidade e da manifestação da fé permitindo a reconciliação com todos.

Durkheim nos revela uma definição de festa como sendo a oscilação entre o polo da cerimônia e o da festividade, sendo diferenciados no cotidiano pela sua dimensão e pelo divertimento, fundamentado na ambiguidade de que toda festa “refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidade de comportamentos profanos” (AMARAL, 1998, p. 38). Além disso, como ainda destaca a autora:

Toda festa ultrapassa um tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão de instantes, de que o *"happening"* constitui o caso limite. Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (AMARAL 1998, p. 38-39)

Ao tentarmos, de maneira objetiva, definir o sentido de festa, não funciona se separarmos as religiosas das profanas, pois andam juntas, é “como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa” (DEL PRIORE, 1994, p.19). A festa em sua essência tem necessidade de elementos profanos para que todos possam dela vir a participar.

É importante compreender que, desde o período colonial, a união do sacro com o profano é evidenciada, na qual “a música sacra das festas religiosas misturava-se normalmente com ritmos populares portugueses e espanhóis, numa mostra de que os territórios entre o sacro e o profano, o popular e o erudito não estavam estabelecidos” (DEL PRIORE, 1994, p.19). É nesse cenário do misto entre a cultura sacra com a profana, que território brasileiro tem dado origens às suas manifestações culturais, impossibilitando a existência de uma cultura somente sacra ou somente profana.

#### **2.4 Festa à brasileira:** rotas, heranças e experiências

As festas são elementos fortemente estabelecidos no modo de vida brasileiro, mas não podemos esquecer que elas são frutos da herança medieval do cristianismo ocidental trazidos através do além-mar no contexto das Grandes Navegações ou Grandes Conquistas (BARBOSA; OLIVEIRA, 2018). “O novo continente mostrava-se no imaginário europeu como uma mulher bela e perigosa, cujos perigos tinham de ser vencidos para que fosse convenientemente

explorada pelos europeus” (PRIORE, 1994, p.47). Esse espírito aventureiro mesclado com um viés imaginário facilitou o desbravamento do novo continente no sentido de explorar e conquistar o território em questão.

As necessidades das nações ibéricas<sup>14</sup> em conquistar novos territórios, crescer economicamente, e principalmente propagar a fé, foram fundamentais para a transportação da cultura europeia, em específico a religião, para o então território ainda desconhecido e propício à exploração. A difusão da fé católica, principal religião da época, foi a peça fundamental para o controle social e o domínio dos povos nativos da colônia. A função de converter os nativos católicos era destinada às irmandades e congregações que aqui desembarcaram em 1549 (OLIVEIRA, 2012). Sendo as principais “encontravam-se os jesuítas liderados por Manoel da Nóbrega em 1549, que foram os grandes difusores das práticas devocionais, com a finalidade de atrair os nativos e catequizá-los” (OLIVEIRA, 2012, p.4).

Tendo sido, desde o período colonial que as festas religiosas<sup>15</sup> ocupam diversos espaços privilegiados e específicos na sociedade, adquirindo, por sua vez, um fator de relações mútua entre o Padroado<sup>16</sup> e os povos nativos da colônia. Dessas relações é que foram estabelecidos o domínio do território e das riquezas da colônia, que é justamente “através da vontade de realização da festa muitos grupos se organizam, em nível local, chegando até mesmo a crescer política e economicamente” (AMARAL, 1998, p.14). Ou seja, “esse ato de manifestação pública da fé se caracterizou como forma apropriação do espaço” (OLIVEIRA, 2012, p.4). Dessa forma, a relação do “mais forte com o mais fraco” facilitou o processo de exploração e dominação, ou seja, os povos nativos considerados mais suscetíveis à serem dominados pelos europeus, estes considerados mais fortes, ao passar dos tempos foram “cedendo”<sup>17</sup> a nova cultura, passando a incorporar novos costumes. Vale ressaltar que o choque cultural entre esses povos tem influência até hoje nas festas religiosas em muitos lugares do Brasil.

Nessa perspectiva, as festas serviram como um mecanismo sócio religioso para que a Coroa portuguesa pudesse impor suas vontades coloniais. O forte laço entre a Coroa e a Igreja, fundador da sociedade colonial, “possibilitou ao império português legitimar seus interesses temporais e seus métodos de atuação, sob o pretexto da salvação de almas e difusão da fé e da

---

<sup>14</sup> Portugal e Espanha.

<sup>15</sup> Forma de divulgação da cultura religiosa católica.

<sup>16</sup> Aliança entre as Coroas Ibéricas e a Igreja Católica.

<sup>17</sup> O processo de exploração e dominação das terras americanas não foi nada harmonioso, o processo se deu com base em escravização, exploração e imposição.

cultura cristã” (NEGRÃO, 2008, p.118 apud OLIVEIRA, 2012, p.5). Desse pretexto de fixação que a Coroa foi consolidando aos poucos seus objetivos: conversão dos nativos para a fé católica, povoação da colônia, extração de riquezas, escravização indígena. “Como forma de difusão espacial e constituição de territórios eram instituídas dioceses e paróquias” (OLIVEIRA, 2012, p.5), porém de maneira lenta e descontínua. Através dessas instituições que as manifestações da fé, bem como as procissões, foram sendo expandidas e instituídas para outros territórios da colônia, onde passaram a ser reinventadas, transformadas, traduzidas das mais diversas formas ao longo dos séculos.

A forte aliança entre as Coroas Ibéricas e a Igreja Católica viabilizou não só o domínio do território americano, como também tornou possível “a expansão da cultura europeia-cristã, que teve como ponto principal a religião” (CURADO; LOBO, 2005, p.1). O encontro entre europeus e os nativos da América provocaram choques culturais, em sua maioria, irreversíveis. Dessa forma, propiciaram modos de manifestação da fé e crença diferentes ou mesclado com as práticas europeias. Ao passo que a exploração acontecia, os laços entre a Europa e o espaço recém encontrado aumentavam:

“A intimidade, portanto, com as coisas da Colônia permite que imagens sejam exportadas e reelaboradas na metrópole ajudando a dimensionar os quadros mentais de época sobre a Terra de Santa Cruz e a América. Percebe-se nitidamente a circulação de ideias nos dois sentidos e enquanto as representações sobre a cultura nas colônias portuguesas invade as festas no Brasil, ou em Portugal, um canal de informações estabelece-se entre o aqui e o além-mar.” (PRIORE, 1994, p.57)

O processo de expansão da cultura religiosa católica, na América Latina, deu-se principalmente através das festas realizadas pela Igreja. Nessa questão, podemos perceber que a Coroa, em determinado período, alimentava fortemente as festas na colônia, construindo relações entre os diversos grupos sociais e a própria metrópole, de tal maneira que “elite e povo participavam de uma mesma cultura e explicitaram tal comunhão por ocasião das festas” (PRIORE, 1994, p.12). Só então a partir do momento em que o Estado Moderno começou a interferir nas pessoas, no sentido de as fazerem individualizadas nas normas de comportamento, essas relações de festividades passaram a ter outras significações e rituais. As marcas das alterações impostas pela Igreja foram por muito tempo perceptíveis. Essa mudança, por sua vez, serviu para a cristalização de ideias absolutistas. Entretanto, a aliança colonizadora entre o rei e a religião “estendiam o seu manto protetor e repressor sobre as comunidades, manto este que

apenas por ocasião das festividades coloria-se com exuberância” (PRIORE, 1994, p.15), tornando o trabalho e as penalidades impostas pelo Estado metropolitano mais “suportáveis”.

As procissões, que também possibilitam atividades festivas, foram instituídas no Brasil desde o governo-geral de Tomé de Souza, quando os primeiros jesuítas chegaram aqui. Para Rosa (2016), as procissões são o deslocamento do ser sagrado em trajetos específicos, num ritual que se faz em movimento, em performance. São apresentadas, principalmente, em rotas circulares, ou seja, não passam duas vezes pelo mesmo local, e geralmente simboliza “um ciclo de ida e volta um movimento de retorno ao estado anterior, simbólico do ciclo religioso da vida: “do pó veio, ao pó tornarás” (Gn. 3, 19), são dramas ambulantes” (ROSA, 2016, p. 116).

Os jesuítas, por sua vez, logo depois adquiriram e expandiram essa prática devocional itinerária, seja ela de caráter penitencial ou festivo para então atrair índios e alçar colonos. (PRIORE, 1994). Essas práticas vão ganhando forças, marcando os domingos e dias de santos com todo um mecanismo espetacular. Uma vez multiplicadas pelo território:

As procissões vão ocupar lugar de destaque por serem momentos de demonstração da religiosidade que propiciavam o ato de manifestação festiva, ora pelo *sagrado* ora pelo *profano*, em uma mescla de identidades que se agrupavam em devoção aos “santos” e “santas” festejados pelos índios, negros, *criollos* e brancos em seus diferentes espaços e tempos [...] (CURADO; LOBO, 2005, p.3).

“A difusão das procissões, em dias de festa religiosa, colocava em evidência a mentalidade das populações, que viam no rito processional uma função tranquilizante e protetora” (PRIORE, 1994, p.23). Ao passo que as procissões foram se espalhando, os colonos tendem a olhá-la como uma demanda pietista, na qual as viam como um apoio espiritual. Dessa maneira, a Igreja passa a lhes dar fundamentos teológicos e históricos para acontecer, aproveitando também para disciplinar a população.

Na Idade Moderna, as procissões tinham por função tranquilizadora, piedosa e celebrativa, de forma que todas as instâncias da comunidade colonial eram envolvidas. Nesse sentido, as festas eram o momento perfeito para exibirem publicamente os seus recursos numa disputa de poder individual e também uma estratégia de atrair o público, principalmente quando iam anunciá-las (PRIORE, 1994). O anúncio era feito de maneira a enfatizar o especial da data. “Vestimentas luxuosas, instrumentos musicais e máscaras tinham por objetivo sacudir a

comunidade da moda do seu cotidiano, por meio do barulho dos tambores e do espetáculo visual da promessa de divertimento” (PRIORE, 1994, p.31).

Os que produziam a festa, patrocinavam e participavam eram colocados numa hierarquia de poder, na qual os que financiavam estavam nos níveis mais elevados, contudo todos da cidade, desde o mais pobre tinha sua contribuição na festa mesmo que fosse apenas com uma luminária. Nesse sentido, o visual da festa, nessa época, tinha seu valor para além do estético, sendo feito de maneira de ostentar quem tinha o maior poder econômico, ou seja, quanto mais luxuosa a ornamentação maior a sua afirmação de poder na sociedade. Além desse valor, toda essa produção era voltada também para atrair cada vez mais o público para viver aquele espetáculo simbólico. Entretanto, afinal, festas e procissões promoviam a todas as camadas da sociedade o mesmo sentimento: o divertimento, a alegria e o lazer (PRIORE, 1994).

Além de toda essa ostentação de poder através das festas, o uso de fogos para abrir as festas, além de demandas específicas como homenagear reis, anunciar partidas ou chegadas de cortejos, também era utilizado como uma dimensão da propaganda governamental que foi se constituindo como tradição. Pelo fato de ser caro, tornava-se mais um instrumento de poder (PRIORE, 1994). Dessa forma, podemos perceber até nos dias de hoje a queima de fogos nas procissões, porém não mais com sentido de poder, mas sim celebrativo de abertura ou encerramento do evento.

As procissões eram locais perfeitos para a circulação de ideias entre colonos e colonizadores, tristes e alegres... Havia procissões com características distintas em diversas partes na América Latina, “ora mais festivas e com maior integração e interação popular ora mais intimista, compenetrada e subordinada ao sentimento de penitência e culpa” (CURADO; LOBO, 2005, p.3). Esta última característica era atribuída à procissão do Fogaréu, que sofreu ao longo dos séculos, transformações, adaptações e reinvenções à realidade brasileira<sup>18</sup> para que pudesse sobreviver ao mundo moderno e contemporâneo. Essa prática tem por objetivo a saída do templo considerado sagrado para percorrer os locais públicos em busca de estímulo à fé e devoção.

A realização das festas eram proporcionais entre o vínculo da comunidade que celebrava e o Estado que dava motivos, tendo em vista que elas eram expressão do Estado Moderno e

---

<sup>18</sup> A religião era imposta por pressão e persuasão, mas a religiosidade na América foi algo mais híbrido: conseguiu moldar uma nova interpretação das junções de povos, credos e práticas possibilitando singularidades de interpretações, intervenções e interações com a religião por diversos rituais, incluindo as inúmeras procissões que peregrinam, ainda hoje, por diversas cidades latino-americanas.

para dela participar era necessário estar ligado ao rei e a igreja. Além disso, tinha toda uma comitiva e exuberância de anunciar a festa para a comunidade, tais como vestimentas luxuosas, instrumentos musicais e máscaras para atrair e seduzir o público e garantir que a notícia circulasse. (PRIORE, 1994). Além disso, a afirmação do indivíduo ou do grupo familiar na cidade e na sociedade política era feita através da sua participação nas festas públicas. “A festa efetivamente possibilita ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes” (PRIORE, 1994, p.37).

O processo de penetração da colonização para o interior teve como principais objetivos a busca de metais preciosos, a captura de indígenas para vendê-los como escravos, as drogas dos sertões, etc.; neste período: “a população e a religião oficial da colônia vão se expandindo em direção ao Sudeste e Centro-Oeste, num misto de imposições e povoamentos” (CURADO; LOBO, 2005, p.6). A descoberta do ouro nessas regiões provocou o estabelecimento de centros administrativos, além do “surgimento dos povoados que abrigavam ameríndios, europeus, africanos e brasileiros com suas religiosidades e práticas ritualísticas que acabaram por convergir no híbrido barroco mineiro [...]” (CURADO; LOBO, 2005, p.6). Ao passo que as festas vão se expandindo e ganhando as ruas começam a adquirir independência e significado peculiar.

Nesse sentido, o catolicismo adquiriu uma natureza popular, apresentando assim:

“[...] uma singularidade característica do *modus vivendi* sertanejo, que dificulta a implantação de um sistema de autoridade política e religiosa devido a grande proximidade que esta população achava ter com os santos/santas, para quem realizavam várias festas “para comemorarem os frutos do trabalho, servindo de oferenda e agradecimento e, ao mesmo tempo, como uma manifestação de regozijo coletivo” (Itani, 2003, p. 17) muitas vezes até mesmo sem as bênçãos da Igreja” (Curado; Lobo, 2005, p.7).

Conforme assinala Mary Del Priore (1994), festa se faz em um território lúdico, onde a mistura de povos expressa as frustrações, os desejos, revanches e reivindicações da sociedade que os compõem, uma vez interiorizado, ele é suporte para a criatividade ora para a instituição de poder.

A dificuldade de um controle eclesiástico no local e de uma autoridade política, gerou o enfraquecimento dos laços entre Coroa e Igreja. Muitas eram as manifestações festivas praticadas de forma individual e coletiva pelos nativos, negros e mestiços, podendo ou não

acontecer sob a aprovação ou desaprovação do Clero e do Estado. Dessas manifestações festivas religiosas está a procissão do Fogaréu, que será o ponto principal desta monografia.

### 3. **PROCISSÃO DO FOGARÉU NO BRASIL:** Origens históricas, ritos e experiências regionais

Enquanto no capítulo anterior, discutíamos sobre o lugar da festa à brasileira a partir de diversas perspectivas (conceituais, temáticas e historiográficas), o presente capítulo dedica-se de maneira mais específica à procissão do fogaréu em contexto nacional, abordando, logo na sequência algumas análises feitas sobre a referida procissão em contextos regionais distintos, representados aqui pelo Estado de Goiás e Piauí. Trata-se aqui, obviamente, de avançar na delimitação e compreensão das especificidades do rito em pauta, mas também de recorrer a análises comparativas que foram instrutivas com relação a algumas escolhas que presidiram a exploração da procissão do Fogaréu em Bacabal, como será realizado no capítulo seguinte.

#### **3.1 Sobre as origens históricas da procissão do fogaréu no Brasil**

A procissão do Fogaréu no Brasil tem origem no processo de colonização da América Latina através do Padroado europeu. Mary Del Priore (1994) apud Clovis Britto (2008, p.9), nos assinala que no período colonização do Brasil “percebe-se nitidamente a circulação de idéias entre Brasil e Portugal, nos dois sentidos, gerando uma intimidade que permitia que na Colônia as imagens da Metrópole fossem importadas e reelaboradas.”

Uma vez que:

Portugal estava inserido no conjunto dos países católicos onde as festas religiosas, principalmente a procissão, tiveram uma enorme significância no cotidiano dessas sociedades. A procissão considerada um espetáculo teatral propagandeava o poder da realeza e moralidade que a produção deveria seguir, ou seja, as procissões demonstravam uma correta conduta de vida cristã e tinham a constante presença da Igreja. (BARBOSA; OLIVEIRA, 2018, p. np , apud ROSENDAHL, 2012)

Partindo desse entendimento, pode-se afirmar que o processo de colonização do Brasil se concretizou, também, através das festas religiosas, como um mecanismo de poder, de acordo com suas necessidades de domínio. As práticas portuguesas para a América foram sendo

desenvolvidas de acordo com as condições e necessidades coloniais, difundindo assim suas práticas. Através disso, a colônia foi gradativamente absorvendo essas simbologias e rituais. Silveira (2008) ressalta, ainda, que a cultura dessas festividades está diretamente ligada à noção de organização social, pois serviram como elementos de organização e apaziguamento social.

É importante ressaltar que a procissão do Fogaréu antes de ser reconhecida nos dias de hoje, passou por diversas reinvenções, transformações e mudança de sentidos ao longo dos séculos. A cada contexto histórico que se dá as procissões de Fogaréus houveram adaptações e transformações. Acredita-se que o primeiro registro documentado da procissão do Fogaréu tenha sido na Bahia em 1618:

Foram os missionários jesuítas que, em plena época da catequese, instituíram no Brasil, na aldeia de Sancti Spiritus, na Bahia, a primeira procissão de Fogaréus, de que temos notícia. Assim nos conta o Pe. Fernão Cardim: ‘a procissão foi devotíssima, com muitos fochos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos índios que dão em si cruelmente. Levaram na procissão muitas bandeiras e um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pálio’. (...) Na Bahia tinha curso desde 1618 (PIO, 1977, p.34-35 apud BRITTO, 2008, p10).

De maneira lenta e gradual a procissão do Fogaréu foi se estabelecendo em poucas partes do Brasil. Clovis Britto (2008) afirma que é importante destacar que a procissão do Fogaréu foi “transplantada” do além-mar com o consentimento da Igreja, assim como na Europa através das irmandades<sup>19</sup>. Em alguns contextos a procissão do Fogaréu veio a se tornar rara, mas na atualidade percebemos uma tradição enraizada em diversas localidades do Brasil, principalmente na cidade de Goiás, local onde mais se aproxima das procissões ibéricas e coloniais no Brasil. De acordo com Clovis Britto (2008), em quatro cidades do Brasil essa tradição é consolidada: Oeiras (PI), São Cristóvão (SE), Paraty (RJ) e na cidade de Goiás (GO).

---

<sup>19</sup> As irmandades são associações formadas por leigos dedicadas ao incremento da devoção aos santos e santas da Igreja católica.

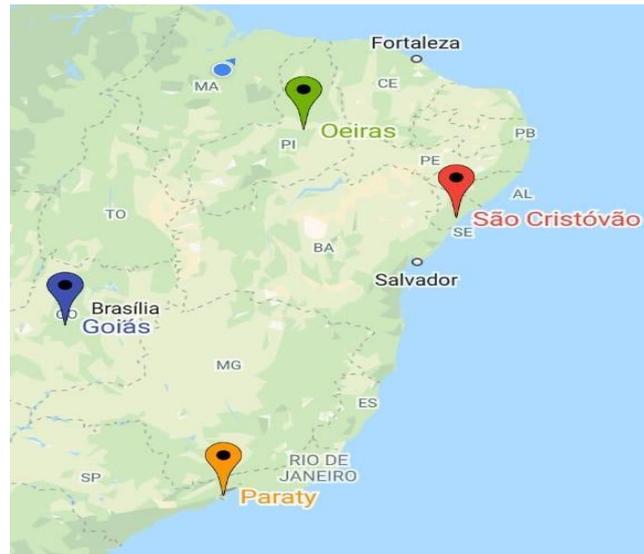


Figura 1. Espacialização da Procissão do Fogaréu no Brasil  
 Fonte: Elaborada pelo autor

No que assinala Clovis Britto (2008), a procissão do Fogaréu ainda é pouco estudada devido à escassez de registros e documentos sobre esse evento. Dessa forma, convém descrevê-la com riqueza de detalhes para que possa ser apreendida em sua essência e complexidade, contemplando desde as suas produções iniciais até as finalizações da festa.

A procissão do Fogaréu, de acordo com Silva (2019), é a tradição que rememora através da dramatização as últimas cenas de perseguição e prisão de Jesus Cristo pelos soldados do templo. É por meio de encenações, músicas, luzes das tochas (representando a ausência de energia elétrica da época), que a tradição se confirma como um símbolo de fé e devoção para os fiéis ou apenas um entretenimento aos curiosos. Diversos são os sentidos dados a esta festa, tendo em vista a liberdade de interpretações possíveis. Clovis Britto (2008, p.2) a interpreta como “o espetáculo resultante do encontro das chamas da festa e da lembrança na foz ardente comemoração, rememoração. Festeja-se a lembrança de um acontecimento [...]”.

A festa, na maioria das cidades do Brasil, segue o calendário cristão, com data móvel no período da Semana Santa, tempo de preparação dos cristãos para a Páscoa, e é iniciada especificamente na quarta-feira santa. Atrai pessoas das mais variadas idades, crenças e lugares, tornando-se um verdadeiro espetáculo a luz de chamas das tochas.

Além disso, temos a figura simbólica do farricoco, apresentado na procissão, que chama bastante a atenção pela sua vestimenta medieval. Porém, este é apresentado também no período colonial “vestido de camisola preta, tendo na cabeça um capuz do mesmo pano que lhe cobria o rosto, com dois buracos no lugar dos olhos” (PRIORE, 1994, p.53). Esse personagem central

oferece inúmeras outras possibilidades de interpretações, tendo em vista que este sofreu inúmeras transformações ao longo da história até conquistar autonomia e possuir outra narrativa como a que temos conhecimento hoje. Clovis Britto (2008, p.3) nos aponta que a narrativa dos farricocos foi “metamorfoseando-se de figura central de um processo disciplinador e civilizador implantado pelo catolicismo, para um signo de fé e cultura popular, diálogo entre sagrado e profano que resulta em uma alegoria”.

Essa percepção aflora para a reflexão de que a centralidade da festa não confere ao salvador do mundo, como na maioria dos demais ritos da Semana Santa, mas ao pecador que precisa se reconhecer como tal e se esforçar para se aproximar do exemplo do grande Mestre. A primeira imagem que se tem do farricoco, no que assinala Clovis Britto (2008), está ligada a penitência, uma punição imposta para aqueles que desviaram às determinações da Igreja, que foi reforçada por uma das maneiras de pena impostas pelo Tribunal da Inquisição: o sambenito<sup>20</sup>, considerada uma das punições mais leves.

Nesse aspecto, Clovis Britto (2008, p.6), afirma que o estigma do padrão do farricoco “seria uma característica depreciativa no status da moral do indivíduo que a apresenta, fato que o torna inabilitado para a plena aceitação social”. Somente através das Misericórdias, englobado as Santas Casas<sup>21</sup>, que os farricocos ganharam destaque, em especial na Procissão das Endoenças<sup>22</sup>. De acordo com a Enciclopédia Wikipédia Espanha (2007) apud Britto (2008, p.8), os capuzes de forma cônica dos nazarenos da Semana Santa espanhola (e por associação poderíamos dizer dos farricocos das procissões realizadas no Brasil) aludiria uma aproximação do penitente ao céu. “Esse valor simbólico se aproximaria do que têm os ciprestes, árvores de copa pontiaguda, presentes nos cemitérios cristãos que teriam o condão de aproximar os mortos aos céus.” A procissão do Fogaréu gradualmente vai perdendo seu caráter de penitência para se transformar em dramatização da prisão de Cristo.

A disseminação da festa do Fogaréu no Brasil foi contribuída através da Irmandade da Misericórdia, fundada em 1549 em Salvador. A Irmandade da Misericórdia chegou ao Brasil em 1549, em Salvador, denominada “Procissão das Endoenças (vem de Indulgências), e que

---

<sup>20</sup> Era uma espécie de vestimenta, tipo um poncho com uma cruz vermelha em forma de “X”, que a Inquisição forçava os condenados a usar como uma forma de punição e difamação pública. O desenho das roupas e a cor variavam com o “crime” cometido ou a punição aplicada. As vítimas da Inquisição usavam esta vestimenta durante as audiências nos Tribunais do Santo Ofício e até o momento de sua execução nas fogueiras.

<sup>21</sup> As Santas Casas de Misericórdia surgiram como resposta ao longo período de carestia vivido na Europa Medieval. Em meio a esse contexto, foram formadas, em vários países, corporações e confrarias; enquanto aquelas visavam à proteção dos interesses de grupos específicos, estas se dirigiam puramente à prática da caridade cristã para com o próximo. (CARVALHO, 2005)

<sup>22</sup> Eram as solenidades religiosas realizadas na Quinta-feira Santa.

era realizada como um ritual de penitência para os pecadores” (CAES, 2019, p. 4). De acordo com o site do Museu da Misericórdia, localizado na Bahia, alguns vestígios da procissão podem ser encontrados na Igreja da Misericórdia, tais como painéis de azulejo portugueses retratando a festa.

Em 1722 foram introduzidos na Igreja da Misericórdia dois painéis em azulejo português, retratando a Procissão dos Ossos e a dos Fogaréus. “A primeira tinha a finalidade de recolher, anualmente, os ossos dos justicados e dar-lhes sepultura cristã, e foi realizada pela última vez na Bahia em 1825. A segunda, extinta em 1862, era realizada pelos Irmãos da Misericórdia na noite de Quinta-feira Santa, dramatizando a procura de Jesus pelos judeus” (CF. SITE IGREJA DA MISERICÓRDIA DA BAHIA, 2007 apud CLÓVIS BRITTO, 2008, p.10).

Esses pecadores que vestiam as roupas com “(o traje rústico que cobre todo o corpo e o chapéu que cobre o rosto e sobe em forma de cone), por essas vestimentas sendo identificados como penitentes”, são atualmente atributos dos farricocos (ROSA, 2016 apud CAES, 2019, p.5). Essas roupas eram consideradas o sinal de seu arrependimento e aceitação da penitência.

A figura 2 abaixo nos mostra tradicionalmente os farricocos como se apresentam hoje, vestidos em indumentária especial e segurando tochas, na qual representam os soldados romanos, seguindo descalços, pelas antigas ruas de pedra da cidade de Goiás, lugar este que devido a sua importância histórica e à preservação de seu casario colonial é considerada Patrimônio da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação) e que mais se aproxima das procissões ibéricas e coloniais brasileiras.



Figura 2. Farricocos  
Fonte: (Freitas, 2020)

### 3.2 A Procissão do Fogaréu em Goiás

Em Goiás, de acordo com Clovis Britto (2008), o fogaréu representa para muitos como o retorno à sua terra de origem, o reencontro com os familiares e amigos, outros como uma oportunidade de comunhão e autoconhecimento, mas há também quem apenas aprecia por sua beleza espetacular e encantadora que marca a Semana Santa. Essa festa, com seu personagem simbólico, o farricoco, estabelece um patrimônio imaterial, justamente pelo seu caráter místico, passado de geração em geração, contribuindo para a formação da identidade de Goiás. Essa afirmação se dá através de como o cotidiano da população lida com sua arquitetura peculiar.

É nesse sentido que Javier López Moralez (2001.p.2) apud Clovis Britto (2008, p.13) assinala: “são os povos que se conhecem nesse tipo de patrimônio mais profundamente do que no patrimônio monumental, em que evidentemente há um tipo de identidade de caráter internacional, mas não íntima”. O sentimento de preocupação da população em manter a tradição é muito importante para que a festa não se perca no tempo.

Ainda não se sabe quando as celebrações da Semana Santa foram iniciadas em Goiás, mas a primeira referência que se tem seria em 1743 quando: “a Igreja Matriz de Sant’Ana por ameaçar a cair, foi demolida e depois levantada sob a orientação do padre João Perestrello de Vasconcelos Spínola, tendo funcionado para a Semana Santa de 1745” (Cf. CARNEIRO, 2005; MENDONÇA,1981 apud BRITTO 2008, p.13). Nesse sentido, para que possamos compreender o início da procissão do Fogaréu em Goiás é necessário retomarmos o período da colonização do Brasil. No início da fundação de Goiás, no período colonial, foi designado um sacerdote para liderar o trabalho de catequização. O sacerdote era o padre João Perestrello de Vasconcelos Spínola, que fundou a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. “Este sacerdote introduziu nas festividades do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores uma espécie de alegorias, com especial atenção a Semana Santa” (FARIA, 2006, p. 36 apud CAES, 2019, p.3). A celebração da Semana Santa em Goiás, portanto, foi marcada por diversos rituais, “mas a primeira evidência sobre o ritual com a presença dos farricocos ou penitentes, é obtida no livro de viagem de Johann Emmanuel Pohl (1951)” (CAES, 2019, p. 5), onde descreve a presença do penitente vestido como farricoco.

A figura do farricoco é importante para a história da Procissão do Fogaréu por se tratar de um elemento fundamental para o significado e sentido do evento, pois:

[...]durante boa parte da história os mesmos eram os penitentes ou uma representação destes com seus trajes característicos chamando a atenção para sua condição. Posteriormente, quando o Fogaréu passou a ser a representação teatral da prisão de Jesus no Monte das Oliveiras, na véspera de sua crucificação, os farricocos se tornaram uma representação dos guardas romanos que procuraram e prenderam Jesus naquela noite, mas ainda assim continuaram com suas roupas características dos pecadores e penitentes, realizando uma bela associação entre a imagem daqueles que prenderam Jesus com todos os pecadores que – na visão religiosa – até hoje pecam em não reconhecê-lo como “Filho de Deus” (ROSA, 2016, p. 117 apud CAES, 2019, p.5).

A cidade de Goiás-GO em 1937 ficou abandonada pelo governo em virtude da transferência definitiva da capital do Estado de Goiás para Goiânia-GO, dessa forma muitas pessoas não concordaram com a mudança e demonstraram sua aversão. Em contrapartida, houveram aquelas que permaneceram e concordaram com a mudança pelo amor à cidade e luta pelo resgate histórico e cultural da cidade. Em 1950 é instalada em Goiás a DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - com o objetivo de reconhecer o valor histórico, artístico e cultural de edifícios e templos religiosos da cidade, que não foi tão bem aceita pelos moradores em virtude do trauma ocasionado pela transferência da Capital do Estado de Goiás para Goiânia-GO e também não consegue promover sozinho as políticas públicas de preservação. Dessa forma, em 1978 a DPHAN se une com a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT) para realizar as necessárias intervenções de proteção do patrimônio arquitetônico da cidade. (SILVA, 2019)

Diversos são os documentos, referências e relatos que supõem o primeiro registro da procissão na cidade goiana - “Lugar de costumes introduzidos e ressignificados pelos trânsitos das heranças indígena, europeia e africana, a população de Goiás-GO construiu diversas expressões culturais que sobrevivem às ações do tempo” (SILVA, 2019, p. 31) - mas o que torna mais importante nesse momento é o seu ressurgimento ou reinvenção, na década de 1960, através, em específico e principalmente, da Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT), “uma das principais responsáveis pelo registro e salvaguarda das referências culturais e religiosas da Quaresma à Semana Santa” (Silva, 2019, p.15), que surgiu após uma série de reflexões e diálogos, a fim de resgatar não apenas um período ou fato, mas sim, como assinala Britto 2008 em Entrevista com Hecival Alves de Castro, fundador da OVAT e responsável pela organização da procissão, 2008, das tradições como um todo.

Nesse sentido, a Organização Vilaboense de Artes e Tradições – OVAT foi criada conforme Silva nos explica:

A Organização Vilaboense de Artes e Tradições – OVAT fundada em Abril de 1965 por um grupo de jovens, intelectuais e artistas de áreas diversas, com o intuito de compreender os atos do passado e assim preservar os costumes, fazeres, a história, as manifestações culturais, os saberes, os valores e as tradições, que algumas encontravam-se apenas na memória das pessoas mais antigos. Por fim, esse grupo ordenado institucionalmente, dividiu as tarefas entre si e iniciaram os trabalhos de pesquisa oral e documental e nos jornais, bibliotecas, livros e nos registros de atas e livros de receitas e despesas da Irmandade do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos sobre alguns acontecimentos e expressões que eram realizadas nos séculos XVIII e XIX em Goiás-GO. (SILVA, 2019, p. 37)

É através da OVAT que se tem início o processo de impulso e reconhecimento histórico e turístico da cidade de Goiás. Além disso, ela agiu em defesa de todas as áreas associadas à arte, tais como cultura, história, memória, patrimônio, tradições, sociedade. A cidade chegou a ser reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial. Ou seja, todo o trabalho desenvolvido pela OVAT “foi imprescindível para manterem vivas as chamas dos costumes, fazeres, saberes e valores encontrados nas diversas referências culturais que entidade salvaguardou ao longo da história e assim norteiam a identidade do Vilaboense” (SILVA, 2019, p. 39).

Sobre a realização da procissão do Fogaréu na cidade de Goiás e seu ícone representativo, os farricocos, Silva (2019) nos assinala uma descrição feita pela OVAT, instituição que salvaguarda essa tradição:

A meia noite, em frente a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte Museu de Arte Sacra, inicia a Procissão do Fogaréu. Essa procissão é conhecida e reconhecida internacionalmente pela sua beleza impar. É uma das poucas realizadas no Brasil e simboliza a busca e a prisão de Jesus, em Jerusalém. Na Procissão do Fogaréu são vistas figuras encapuzadas, os Farricocos, que antigamente conduziam a tumba da misericórdia aos irmãos falecidos. Também acompanhavam procissões de penitência e cortejos de execuções. São conhecidos pelos nomes de: Farricôco Faricôco Farricunco Gato Pingado, e, em Goiás o popularmente Furnicôco. Os Farricocos vestem túnicas de cores variadas, portando capuzes cônicos da mesma cor com babados sobre os ombros. Na cintura usam faixas largas na cor bege e na mão carregam uma tocha. Na cidade de Goiás são um total de 40 integrantes divididos em quatro alas, representando os perseguidores do Cristo a executarem a sua prisão. O público também munido de tochas acesas sai desordenado em marcha acelerada ao som de tambores. (OVAT, 1965 *apud* SILVA 2019, p.83)

A partir dessa descrição percebemos os detalhes que é a procissão do Fogaréu, que de certa forma nos promove uma imaginação rica de símbolos e interpretações. A importância desse detalhamento se faz necessária devido à escassez de bibliografia relacionada a essa festa religiosa. De acordo com a pesquisa de Silva (2019), a procissão foi idealizada pelo Padre Perestrello que veio da Espanha, na qual contava com apenas um farricoco que entrava pela porta central das igrejas e saía pela porta lateral.

A tradição em Goiás começando às 0h da quinta-feira santa, mas os participantes se concentram na noite de quarta-feira, em frente à igreja de Nossa Senhora da Boa Morte. A procissão segue um roteiro e tem algumas paradas onde são feitos momentos diferentes. De acordo com Silva (2019), ao longo da procissão se ouve três Motetos<sup>23</sup> dos Passos: o primeiro começa em frente à Igreja Nossa Senhora da Boa Morte, antes da procissão sair; o segundo se dá após a procissão chegar no Santuário Nossa Senhora do Rosário, e por último o terceiro, que acontece na Igreja São Francisco de Paula, entoados pelos amigos e integrantes do Coral Solo.

Partindo da Igreja Nossa Senhora da Boa Morte, de acordo com o site Viagem (2012) a procissão segue em ritmo dos tambores. Na primeira parada é representado o local da Última Ceia, depois seguem para a Igreja São Francisco de Paula, cujo local faz o papel do Monte das Oliveiras, onde Jesus foi preso. Surge o estandarte com a imagem de Jesus Cristo, ao som do clarim, carregado pelo único farricoco vestido de branco, simbolizando a sua captura. O Bispo de Goiás, após isso, encerra a cerimônia.” Os últimos momentos são mencionados por Silva (2019) como um momento em seu auge:

O ápice da Procissão do Fogaréu ocorre após a sua chegada a Igreja São Francisco – que na cerimônia representa o Monte das Oliveiras, após o toque do Clarim – toque do silêncio no trompete, e a aparição do farricocos branco que carrega o estandarte do Cristo Flagelado – que foi pintado pela artista plástica e professora Maria do Rosário Albernaz da Veiga Jordão – a “Maria Veiga”. (SILVA, 2019, p. 83)

---

<sup>23</sup> (...) tratam-se de composições para quatro vozes e acompanhamento para pequena orquestra de sopro e cordas, que ainda são executados por ocasião destas festividades”. (PASSOS, 2018. p. 77 *apud* SILVA 2019, p. 17) .



Figura 3. Farricoco e o estandarte do Cristo Flagelado  
Fonte: Agência Brasil

O momento de aparição do farricoco branco carregando o estandarte de Cristo flagelado, de acordo com Silva (2019), a procissão é silenciada pelo toque do clarim, em seguida o Bispo Diocesano “profere uma breve homilia sobre aquele momento e relembra martírios sofridos por Jesus Cristo durante os quarenta dias da Quaresma, refletidos a partir da imagem de sofrimento compreendida na cena.” Após as considerações do Bispo a multidão segue pelas ruas até seu ponto inicial. Ainda nos registros de Silva (2019, p.83), a organização e realização da procissão do Fogaréu é feita pela OVAT, desde 1965 no seguinte percurso:

**TRAJETO DA PROCISSÃO DO FOGARÉU:** Inicia em frente à Igreja Nossa Senhora da Boa Morte – Museu de Arte Sacra da Boa Morte, depois passam por debaixo do Cajazeiro, entram na Praça do Coreto, descem a Rua Moretti Foggia, entram na Rua Dom Cândido Penso, entram no Largo do Rosário, posicionam-se nas escadarias do Santuário de Nossa Senhora do Rosário – Encenação da Última Ceia, depois entram a esquerda na Rua Senador Eugênio Jardim, desce a Rua Dr. Couto Magalhães, atravessa a Avenida Sebastião Fleury, sobem as escadarias da Igreja de São Francisco e Casa do Bispo – IPHAN. Após a homilia do Bispo, descem as escadarias e entram na Rua Professor Ferreira e viram a esquerda na Rua Maximiano Mendes, entram na Praça do Coreto, passam em frente à Catedral de Sant’Ana, e, TERMINA, na em frente ao Museu de Arte Sacra da Boa Morte. (OVAT, 1965 *apud* Silva, 2019).

Neste segmento, é importante frisarmos a importância que a cidade goiana tem em seu aspecto arquitetônico e histórico. É a cidade que torna o cenário encantador para a procissão:

“as ruas estreitas, as pontes, as luzes apagadas, a lua cheia, os beirais coloniais, as escadarias do Rosário, o romantismo da paisagem, e, principalmente, o rufar dos tambores, a cadência dos tambores que marca os passos...” (Entrevista com Hecival Alves de Castro, fundador da OVAT e responsável pela organização da procissão, 2008 *apud* Britto 2008).

Após anos de lutas e frustrações para que a cidade de Goiás-GO tivesse o título de Patrimônio Mundial com o apoio de diversas instituições, inclusive a OVAT; em 15 de dezembro de 2001, após a indicação da ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - o Centro Histórico da cidade de Goiás-GO é reconhecido pela Unesco com o título de Patrimônio Mundial. Entretanto, após 16 dias dessa conquista, "parte do Centro Histórico é atingido por uma forte enchente que destruiu casas e o monumento da Cruz do Anhanguera – em homenagem ao bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva”. (SILVA 2019, p.16) Marcada pela resistência, amor e tensões diversas desde a sua fundação, a cidade de Goiás-GO não se deixou abalar por essa enchente, dessa forma, “cada cidadão, com recursos públicos ou não, reconstruiu casas e monumentos atingidos. Passaram a ver a cidade não apenas como um objeto histórico, mas como um bem importante para a preservação da memória e identidade”. (SILVA 2019, p.16) É nesse viés de pertencimento que mescla o passado com presente, o profano e o sagrado, que os símbolos, as crenças, as culturas não se percam com o passar dos tempos. O próprio povo sente a necessidade de preservar e reconhecer a importância histórica da sua cidade, onde entrevistas com moradores antigos, jornais de época, manuscritos, serviram de pesquisa para que a OVAT pudesse consolidar boa parte da memória cultural de Goiás.

### **3.3 Procissão do Fogaréu no Piauí**

A cidade de Oeiras (PI) é marcada desde as suas origens pela Igreja Católica, o que explica as inúmeras tradições religiosas católicas, tornando-a reconhecida como a Cidade da Fé. Nascida ao redor de uma Igreja Católica, a população oeirense foi criando hábitos comprometidos com a Igreja, e assim sua fé foi materializada através de festas religiosas firmadas em ciclos. Dentre as mais diversas manifestações religiosas, a da Semana Santa é a mais forte, na qual pessoas das mais diversas partes do Piauí vão participar, pagar promessas e louvar a Deus. (SILVA, 2013)

Segundo Lopes, Oliveira, Morais (2016) as inúmeras festas religiosas que acontecem durante todo o ano na capital do estado do Piauí são manifestações culturais apresentadas através das celebrações religiosas que há mais de dois séculos são realizadas na cidade. Dessa forma, o patrimônio cultural e histórico desse local é conservado pela sua religiosidade, pois todo o legado oriundo do passado trouxe consigo características de seu tempo associadas às reinvenções e interpretações para o presente. É importante percebermos, nesse sentido, que a identidade do local, retratada através dos patrimônios históricos e culturais, é refletida no pensar e agir de seu próprio povo, permitindo assim o seu fortalecimento pelo tempo.

Barroso (2012) ressalta que todo o território do Piauí sofreu forte influência religiosa de seus colonizadores no processo de desbravamento do interior do Brasil. De acordo com Moura e Pinheiro (2009) os colonizadores foram atraídos pelas boas condições de terra da região para a criação de gado, que espalharam-se pela área entre a bacia do rio São Francisco e a região do Maranhão, “tornaram-se donos de currais, expulsaram e dizimaram as populações indígenas, conquistaram as terras e constituíram as elites locais que se mantiveram secularmente à frente da organização política e social aristocrática e interiorana” que marcou fortemente a história e cultura deste espaço. (2009, p. 4) A Igreja Católica, por sua vez, pelo longo processo de conquistas territoriais, acompanhava a dominação dos espaços coloniais portugueses pela catequização dos indígenas e pelos trabalhos religiosos desenvolvidos aos colonos.

Tal influência religiosa tem demonstração através de procissões, pelo pagamento de promessas como forma de agradecimento pela graça alcançada, o que evidencia o aspecto cultural do lugar por meio dessas festas religiosas como assinalam Moura e Pinheiro:

As vivências, os saberes e as práticas materializadas em ritos, festas e celebrações da cidade de Oeiras, no Piauí, lugar onde estão presentes bens culturais relativamente desconhecidos, são apresentados por meio de celebrações como: os Congos; a Procissão de Bom Jesus dos Passos e a Procissão do Fogaréu. Manifestações culturais profundamente ligadas ao processo de construção de identidade de parcela significativa da população piauiense, que se inscreve em um tipo de catolicismo popular típico e ainda significativo da não só no solo piauiense, mas no nordeste brasileiro. (2009, p.3)

De acordo com Barroso (2012) não existem estudos que afirmam uma data específica para o início da prática da procissão do Fogaréu em Oeiras, mas alguns historiadores remetem ao período a quase um século de existência e que é importante frisarmos que sua duração está relacionada ao significado sentimental que as pessoas possuem nessa celebração religiosa. Ela

é, além desse contexto de sentimentos e lembranças, o evento onde as famílias possam se reencontrar após anos de distanciamento, o ponto de encontro com os amigos de diversas comunidades, etc.

A Procissão do Fogaréu em Oeiras tem uma grande peculiaridade no tocante aos seus fiéis que dela participam. Apenas os homens, de todas as idades e classes sociais, podem participar dessa celebração, pois conforme Barroso (2012) essa restrição deve-se ao fato dela representar a procura de Jesus pelos soldados romanos. As pessoas deslocam-se para o patamar da catedral de Nossa Senhora da Vitória por volta das nove horas da noite de quinta-feira santa para a concentração da procissão, onde se inicia o ritual religioso, intercalando silêncio e oração. Feito isso, de frente a catedral as luzes do percurso da procissão da cidade são apagadas e os homens presentes acendem suas lamparinas artesanais. “Ao ser iniciada a procissão, o silêncio é constante, apenas se escuta o som da matraca e do andar dos devotos.” (BARROSO, 2012, p. 6)



Figura 4. Homens em procissão  
Fonte: Portal 180graus.com

A Procissão do Fogaréu em Oeiras tem seu início na quinta-feira santa logo pela manhã com a celebração da Santa Missa e a tarde é rememorada e representada pela própria população a Última Ceia que Jesus Cristo lavou os pés de seus doze discípulos em um ato de humildade. Apenas à noite às 21h que de fato acontece a Procissão do Fogaréu, na qual:

As luzes elétricas das ruas são apagadas. Nesta procissão só vão os homens, formando duas filas, cada um com uma vela ou lamparina acesa. Vão cantando e rezando pedindo perdão dos seus pecados, pelas velhas e queridas ruas de

Oeiras. Vão à procura de Jesus Cristo, não para traí-lo e matá-lo, mas para encontrá-lo, amá-lo e guardá-lo, carinhosamente, em seus corações e nas suas almas. (RÊGO, 2006, p.43 *apud* Silva, 2013).

Para a população de Oeiras, essa procissão representa um gesto de devoção, fé, penitência e de louvor, além de ser preservada de pai para filho. Essa noite de procissão é marcada pelos arrependimentos e testemunhos de homens que dela participam a luz de lamparinas ou velas. Além disso, o clima ao redor da igreja é de tristeza e reflexão sobre a morte e vida de Jesus.



Figura 5. Tradição passada de pai para filho  
Fonte: G1 PI

De acordo com Silva (2013) a busca da história e memória da procissão do fogaréu em Oeiras foi feita através, principalmente, da oralidade histórica dos mais antigos habitantes da, visto que há poucos registros que retratam a procissão. Nesse sentido, a pesquisa torna-se uma mescla de sentimentos de quem dela compartilha suas lembranças e experiências que vão desde a preparação da festa até a noite da procissão.

Apesar da procissão ter participação apenas de pessoas do gênero masculino, a representação do Evangelho da bíblia, que tornou-se um verdadeiro espetáculo da cultura local e popular da cidade, atrai turistas e encanta a todos que vivem na cidade para assistir ou participar desse evento centenário religioso. Em entrevista ao G1 PI no ano de 2019, o comerciante Armstrong Lima Sousa, morador há mais de 20 anos, relata:

"Sempre que posso participo. Mesmo sendo uma procissão só para os homens, esse ano trouxe a minha filha de 9 anos, que pediu para participar. Eu acho que é um ato de fé, que a gente tem todo ano para alcançar uma graça, uma

saúde. O país vem passando por momentos muito difíceis, problema de família, e esse ato de fé demonstra que existem pessoas boas no mundo e ter esperança que a gente vai ter um caminho para seguir", disse.

A esperança por dias melhores, pela paz espiritual, por um milagre ou uma graça e pela fé, são alguns dos principais motivos e objetivos dessa procissão para quem dela participa. Além disso, essas são as bases principais de manutenção ao longo dos anos desse evento religioso, que hoje é tradição centenária.

#### 4. A PROCISSÃO DO FOGARÉU EM BACABAL: Implantação, organização e ritualidade

Após uma abordagem exploratória da viagem da Procissão do Fogaréu através dos europeus no além-mar até chegarem ao Brasil com suas bagagens culturais próprias, especificaremos neste capítulo as heranças dessa festa no município de Bacabal, localizada no Maranhão. Trataremos desde o seu processo de implantação, bem como os fatores, os sentidos e as inspirações que a levaram para acontecer, assinalando o processo de preparação e organização que torna possível a sua grandiosidade para os religiosos da cidade.

##### 4.1 A implantação da Procissão em Bacabal – MA.

A Procissão do Fogaréu no município de Bacabal, no Maranhão, é celebrada desde o ano de 2015 com o objetivo de torná-la tradição na região. Apontada como uma das principais procissões religiosas do estado, o espetáculo reúne turistas e moradores. Para torná-la realidade bacabalense, a fala de Couto (2008) nos ilustra muito bem esse processo, pois a festa é:

[...] preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; aparece como uma interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias; articula-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva; e, por fim, pode gerar produtos materiais ou significativos, principalmente a produção de uma identidade.” (COUTO, 2008, p.3)

Essa manifestação de fé existe em diversas partes do Brasil, mas em cada lugar que acontece tem a sua própria identidade, ou seja, diante das diversidades sociais, cada festa é realizada de tal forma conforme a realidade social do lugar. Além disso, acrescenta-se a festa sua parcela simbólica de maneira enriquecedora para de fato moldá-la à realidade da localidade. No município de Bacabal não foi diferente, a sociedade católica do local a organiza de modo que a maioria possa participar desse evento de modo que cresça e evolua a cada ano.

O objetivo de torná-la tradição veio do projeto da Paróquia de São Francisco das Chagas que visa transformar esse evento artístico cultural e religioso em uma verdadeira tradição na região, além de promover um momento cultural religioso à comunidade cristã bacabalense e valorizar a manifestação da fé, levando-os a refletirem sobre o real sentido da Semana Santa.

A festa tem objetivos específicos aos fiéis da cidade, tais como de possibilitar momentos de reflexão sobre temáticas atuais, salientando os temas da Campanha da Fraternidade<sup>24</sup>, que busca fortalecer a fé dos participantes; apresentar à comunidade cristã, cenas da vida de Jesus que aconteceu há mais de 2000 anos e que são atuais em nossa realidade; além de contribuir através da arte cênica a compreensão das mensagens que a igreja católica propõe.

A Procissão do Fogaréu é tradição centenária em várias cidades do Brasil e do mundo, dessa forma, conforme o projeto produzido pelos próprios religiosos da paróquia de São Francisco das Chagas, foi possível implantar esse evento para que a comunidade católica bacabalense pudesse ter uma compreensão do sentido da Semana Santa. Dona Maria Assunção Arraes Teixeira fez um relato de como foi estabelecida a implantação dessa tradição em Bacabal.

No dia 16 de abril de 2014, frei Osmar Rodrigues de Jesus OFM, pároco da Paróquia de São Francisco das Chagas, Bacabal- MA, em companhia de Frei Francisco das Chagas Azevedo OFM, levou um grupo de pessoas para Caxias-MA a fim de participarem da procissão do Fogaréu, no seu décimo quarto ano de apresentação, para observarem detalhadamente, teatro, figurinos, textos etc, com o objetivo de ver a possibilidade de implantação dessa tradição em Bacabal.

Durante a caminhada de vários quilômetros debaixo de um temporal, nada escapou aos olhos de todos do grupo.

No retorno para casa com calçados e roupas encharcadas, os corações cheios de alegria, traçaram muitos projetos para o nosso fogaréu.

O tempo foi passando e a coisa foi ficando esquecida, mas como diz a música da semente da Palavra: “quando a gente pensou que está morta, vai brotando, nascendo e crescendo”, a semente do sonho do Fogaréu brotou no dia 20 de janeiro de 2015, na primeira reunião de implantação do projeto.

O trabalho começou, tomou volume e no dia 01 de abril o povo cristão de Bacabal e cidades vizinhas, veio e acompanhou nas ruas, a primeira procissão

---

<sup>24</sup> De 1962 até hoje, a Campanha da Fraternidade é uma atividade ampla de evangelização desenvolvida num determinado tempo (quaresma). O principal objetivo é despertar a solidariedade dos cristãos e da sociedade a respeito de um problema real que atinge a sociedade brasileira, buscando caminhos e soluções para enfrentar e solucionar tais problemas. Esta campanha teve início em 1961, quando três padres que trabalhavam na Cáritas Brasileira, um dos organismos da CNBB, planejaram uma campanha para arrecadar recursos a fim de financiar as atividades assistenciais da instituição. À essa ação, eles batizaram de “Campanha da Fraternidade”. (IMPrensa CNBB, 2019)

do Fogaréu, debaixo de chuva e com muita fé, levando suas tochas e suas emoções.

O resultado foi tão bom, mesmo com alguns tropeços vistos e sentidos, somente pelos organizadores, que a Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção MA/PI tornou esse evento uma tradição em nossa cidade.

No dia 23 de março de 2016 aconteceu a Procissão do Fogaréu ano II, com um público estimado em 8 mil pessoas, mais bem elaborado, com melhor produção, melhor qualidade, o que deixa a todos uma grande satisfação, mas ao mesmo tempo antevendo o próximo ano como desafio de superar ou pelo menos igualar o evento deste ano (informação verbal)<sup>25</sup>.

Frei Osmar, pároco da época, juntamente com dona Assunção e outros fiéis católicos, observaram e analisaram todo o processo de organização da festa em Caxias, no Maranhão, nesse sentido, os frutos dessa análise tornaram-se em um projeto a ser implantado em Bacabal. Esse projeto foi apresentado ao Conselho Pastoral Paroquial (CPP) <sup>26</sup>e a província franciscana. Após essa apresentação, o projeto foi aceito com sucesso.

A realização do primeiro Fogaréu em Bacabal, segundo a fala de alguns católicos, causou estranhamentos, haja vista que se tratava de um evento nunca visto na cidade. Além desse impacto de estranhamento, aguçou a curiosidade dos religiosos e não religiosos, pelo fato de ser uma festa cheia de apresentações e singularidades. A fala de Paulo Viana, um dos participantes e organizadores na equipe de infraestrutura da festa, nos relata que:

“a primeira vez que eu vi aquela procissão, achei muito estranho porque eu não entendia aquela história, não sabia o porquê do pessoal estar de máscara, o porquê tava todo mundo com tochas nas mãos. E foi assim um choque, pois as procissões de costume era com velas, mas do nada aquele pessoal batendo tambor e aquele ‘teco, teco, teco’ e eu não entendia o porquê daquilo tudo” (informação verbal).<sup>27</sup>

Com o passar de cada edição do Fogaréu, a população foi tomando consciência e conhecimento de toda aquela ritualização, pois através do conhecimento é que se adquire sensibilidades para a compreensão. Nesse aspecto, o Fogaréu foi crescendo e atraindo fiéis de

---

<sup>25</sup> Informação fornecida pela fiel Dona Maria Assunção Arraes Teixeira em março de 2020.

<sup>26</sup> Organismo criado para gerar representatividade e participação na ação evangelizadora de uma ou várias comunidades. Seu objetivo é ser um instrumento de comunhão eclesial, de convergência dos objetivos evangelizadores e lugar para estabelecer uma conexão e diálogo pastoral capaz de irradiar toda a ação evangelizadora a região onde este povo é chamado a evangelizar.

<sup>27</sup> Informação fornecida pelo colaborador da festa religiosa em junho de 2021.

longe, a sua repercussão o tornou um evento que conta com a participação de milhares de pessoas.

Por inspiração da Procissão do Fogaréu de Caxias- MA, essa festa foi consolidada em Bacabal. Até tornar-se tradição e ser considerada a segunda maior do Maranhão, muitos processos foram sendo superados e melhorados a cada ano. De acordo com o site São Francisco das Chagas, o primeiro ano de procissão na cidade, em 2015, compareceram mais de cinco mil pessoas e em 2016 esse número dobrou, ou seja, a cada ano a tendência tende a aumentar o número de fiéis e turistas.

Segundo o site São Francisco das Chagas (2017), outro marco importante, no tocante a concretização da implantação da procissão na cidade, foi a sua adesão no calendário oficial de Bacabal. Em 2017, Egídio Amaral, então vereador e líder da bancada do PMDB na câmara de vereadores de Bacabal da época, apresentou o requerimento de solicitação de “inclusão da Procissão do Fogaréu em Bacabal no calendário oficial do município”. O requerimento foi aprovado por todos. Egídio destaca que: “o Fogaréu em Bacabal se tornou um evento muito grandioso, que retrata a vida e a morte de Jesus Cristo nesta Terra, por isso, particularmente quero aqui sempre está à disposição da Equipe para trabalharmos ainda mais para que esse evento se torne a cada ano um sucesso”. O então pároco da época, Frei Osmar Rodrigues de Jesus, agradece a conquista: “Estamos muito felizes de termos ganhado esse presente, o requerimento de inclusão de nossa procissão no calendário oficial de nossa cidade, meu muito obrigado” (informação verbal)<sup>28</sup>.

Antes de começar a semana mais importante (Semana Santa), e os processos de realização e organização da Procissão do Fogaréu, os fiéis católicos buscam pela conversão, jejum e penitência no período chamado Quaresma, na qual são quarenta dias em “que vão da quarta-feira de Cinzas onde os fiéis são marcados na testa com cinzas da palha de carnaúba representando assim a condição de pecador até o domingo da páscoa, que é a data que representa para os católicos a ressurreição de Jesus Cristo (SILVA, 2013, p. 32)”. Durante esse período, os religiosos se preparam para a Semana Santa; acontecem vias-sacras, retiros espirituais, momentos de reflexões tanto individuais como coletivos, formações e estudos sobre esse período, momentos de espiritualidades, dentre outros.

---

<sup>28</sup> Informação fornecida pelo frei Osmar Rodrigues de Jesus, pároco de São Francisco das Chagas.

## 4.2 A organização da festa

Os preparativos, como em todas as festas, são iniciados bem antes da data de sua realização. Desde as ruas na qual a procissão passará, a preparação do vestuário dos atores, a montagem de palcos e equipamentos sonoros, ensaios de atores, a fabricação das tochas, tudo vai sendo preparado com antecedência para o dia da festa (AMARAL, 1998).

De acordo com o projeto da festa do Fogaréu do município, a procissão é desenvolvida em duas etapas: período de preparação e período de execução. O período de preparação está designado aos meses de janeiro, fevereiro e março, e está ocupado para a formação dos grupos que darão apoio ao evento, bem como reuniões de reflexão sobre os temas que serão encenados durante a festa, os ensaios dos atores, além de reuniões para estabelecer toda a estruturação e logística da festa. Já o período de execução é focalizado na captação de recursos para confecção de figurinos e trabalhos nas oficinas; divulgação do evento através dos meios de comunicação e por fim, apresentação do espetáculo na área da igreja, nas ruas e nos bairros da cidade de na data designada da procissão.

Tendo essas etapas, metas são traçadas para proporcionar a população bacabalense a possibilidade de celebrar a fé com alegria e devoção a Jesus Cristo no período da Semana Santa; despertar nos jovens envolvidos no projeto o gosto pelo teatro e à vivência espiritual e, apresentar o espetáculo a comunidade de Bacabal e cidades vizinhas os propósitos do evento.

No período da preparação da festa, o evento religioso começa a dar seus primeiros passos. Nesse momento são formadas as equipes de trabalhos, através de reuniões, na qual são montadas mais de 17 equipes a trabalharem na realização da procissão, girando em torno de duzentas a duzentas e cinquenta envolvidos. Dentre as equipes formadas estão a de coordenação geral, infraestrutura, teatro, saúde, fabricação das tochas, alinhamento do lanche para os organizadores, equipamentos sonoros, segurança, dentre outras.

A formação de equipes de trabalho possibilita momentos que vão além da ideia de alinhar as funções de cada um, de descontração e de desregramento, mas também da possibilidade de fortalecer os laços de amizade e de “renovar as relações pessoais e entrar em contato de ideias e modos de vida diferentes, estabelecendo possibilidades novas que sem a festa não aconteciam” (AMARAL, 1998, p. 110).

A equipe de coordenação geral, da qual o pároco da igreja também faz parte consiste em conduzir todas as outras equipes, que requer grandes responsabilidades e jogo de cintura para lidar com as pessoas e suas diferentes ideias. Dessa maneira, a partir dela surgem as demais para iniciar os trabalhos. Nesse sentido, tudo que acontece durante esse período de preparação da festa deve ser passado por ela, além de correr atrás de recursos financeiros para financiar o evento, que depende, em sua essência, de patrocínios. Nesse sentido, são realizadas reuniões com os órgãos públicos, a prefeitura no caso, a fim de mobilizar as autoridades responsáveis pela iluminação pública para que o trajeto da procissão seja apenas a luz das tochas, guardas de trânsito e escoteiros para evitar tumulto e invasão de outros espaços, equipe de SAMU e bombeiros para que todos possam participar do evento sem passar mal devido a longa caminhada, além de analisar as rotas de fuga; a polícia para que o itinerário possa atravessar a Br, e a secretaria de obras para certificação de que todas as ruas do tráfego possam estar em boas condições aos fiéis.

A equipe de infraestrutura é destinada à organização do melhor trajeto para o grande itinerário, a qual detalhes e partes técnicas requerem tanto o lugar de saída e chegada das paradas, dessa forma, a cada ano são realizadas diversas reuniões para designar a melhor rota da procissão para os fiéis. A imagem abaixo ilustra o percurso feito pela equipe no ano de 2019.

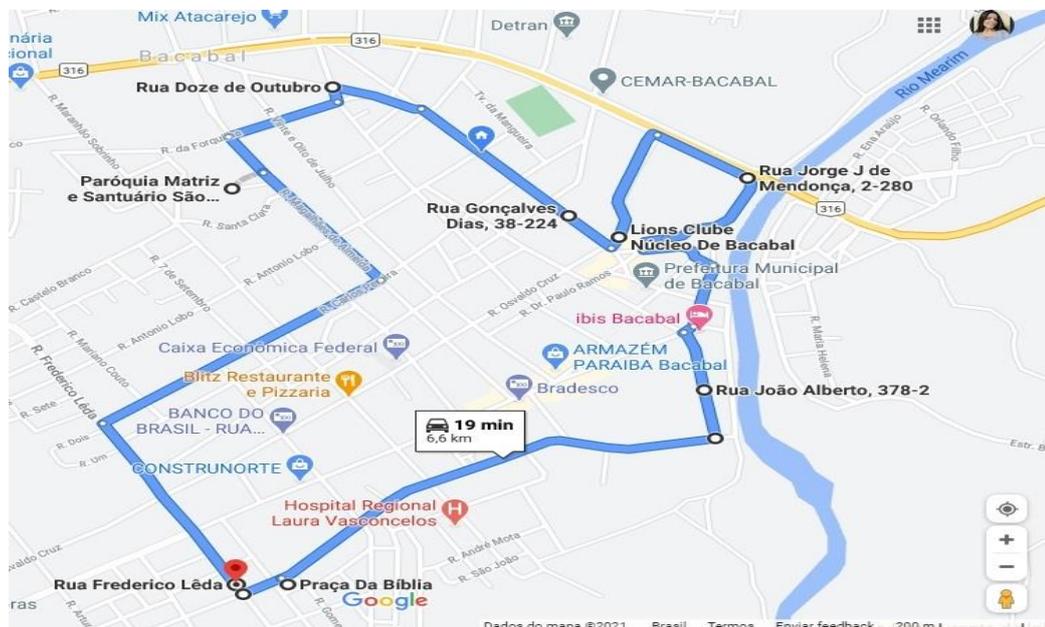


Figura 6. Percurso Fogaréu 2019

Fonte: elaborada pelo autor

Além de elaborar o trajeto, a equipe possui também outras funções, como a de montar os palcos e os devidos equipamentos sonoros para as apresentações teatrais destinadas às

paradas da procissão e fazer a segurança para evitar que os fiéis ultrapassem o espaço demarcado. Ao todo são três paradas que conduzem um tema e um subtema, e em cada uma delas é realizada uma apresentação teatral, uma reflexão acerca das problemáticas atuais, e considerações sobre a Campanha da Fraternidade e depoimentos. No ano de 2019 a procissão se deu no seguinte percurso: de saída da Paróquia Matriz e Santuário São Francisco das Chagas, a procissão passou pelas ruas Magalhães de Almeida, Carlos Pereira e Frederico Lêda até a primeira parada na Praça da Bíblia, após esse momento a caminhada seguiu rumo as ruas Teixeira de Freitas, João Alberto e Jorge José de Mendonça até a segunda parada no Centro Cultural, próximo a Br-316, após esse segundo momento a procissão continua pelas ruas Gonçalves Dias e Doze de Outubro até a terceira e última parada na Rua Doze de outubro, 2011.

A festa do Fogaréu é considerada pelos envolvidos como um grande espetáculo teatral, nesse sentido, o aspecto visual da festa bem como as vestimentas dos atores e dos farricocos possuem a sua importância, tendo em vista que se trata de roupas medievais que buscam representar as passagens da vida de Jesus ocorridas no passado. Sob a coordenação de dona Maria Assunção Arraes e Márcia Cristina, a equipe destinada pelo teatro é responsável pela organização de todo o figurino usado pelos atores da procissão e elaboração de áudios e falas dos personagens envolvidos na procissão. O primeiro ano da celebração apresentava poucas vestimentas pela falta de recursos financeiros, mas com o passar dos anos e com a realização do bazar anual para conseguir recursos para a aquisição das roupas, essa realidade sofreu transformações. Durante todas as noites do período do festejo da igreja matriz, a coordenação do teatro realizava um bazar com roupas novas e semi novas para vender durante todas as noites do período de acontecimentos do festejo da igreja matriz, dessa forma, conseguiram completar todo o vestuário para o teatro.



Figura 7. Vestimenta dos atores  
 Fonte: Divulgação/Diocese de Bacabal

Outro aspecto simbólico e medieval que ganham destaque na procissão são as tochas. Meses antes da Procissão do Fogaréu, a equipe encarregada de confeccionar manualmente as tochas se reúne no largo da igreja matriz para tal ação. Os artesãos passam horas nesse processo. Entre os materiais necessários para a fabricação das luminárias estão latas de refrigerante e alguns bastões de bambu. Felipe Rodrigues, coordenador da equipe de tochas no ano de 2019, nos relata que o processo de confecção das tochas tem início com a coleta de tabocas na mata, depois disso leva-as para o local de preparação na seguinte sequência: corta-se as tabocas no tamanho padrão, em seguida retira-se o miolo dela para poder encaixar as latinhas e logo em seguida amarrá-las. Após esse processo, as tochas passam para o momento de vistoria feita pelos bombeiros da cidade para certificar se serão de fato seguras, e logo em seguida são abastecidas com combustível óleo diesel para que a chama possa permanecer por mais tempo, depois disso é colocado o pavio<sup>29</sup>, algodão e finalizada com uma cola especial.

---

<sup>29</sup> Cordão interior de uma vela.



Figura 8. Confecção das tochas  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

Terminado todo o processo de fabricação, as tochas estão prontas para a venda. Em 2019 a taxa para compra da luminária estava de 10 reais, e para os que já possuem a sua própria e desejam apenas repor o combustível e a troca do pavio, a taxa cobrada é de 5 reais, sendo esta ação feita apenas no dia da procissão.



Figura 9. Tochas  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

Toda a equipe de trabalho envolvida nesse processo é fruto de trabalho voluntário e são participantes da comunidade católica da diocese. Vale ressaltar que a quantia arrecadada é beneficiada para o evento.

A cada ano da procissão é percebido evoluções tanto na quantidade de fiéis quanto no desenvolvimento estético e estrutural do evento. Nesse sentido, podemos verificar o aumento significativo do número de fiéis ano pós ano e a evolução de recursos tanto financeiros como de apoio e materiais para a realização da procissão.

### **4.3 Ritualização da festa**

A festa religiosa é construída sobre rituais que aproximam homens e deus, eles o fazem comunicar com Deus, ou com o divino (CLAVAL, 2014). A Procissão do Fogaréu é uma forma de aproximar, por sua vez, o fiel católico ao Cristo, além de ser marcada por um “retorno ao tempo do mito, muitas vezes um tempo das origens, um tempo quando os seres e as coisas se comunicam e quando todos têm desta maneira acesso a verdade” (CLAVAL, 2014. p.11), ou seja, há o acontecimento de um evento sagrado que ocorreu no passado mítico.

A festa do fogaréu é fundamentalmente comemorativa: ela recorda momentos da vida de Jesus, especificamente a sua paixão e crucificação ao longo da Semana Santa. Todos esses momentos são descritos na bíblia, dessa forma, nela são extraídas as falas dos atores e atrizes destinados para o evento, transformando- se em um espetáculo teatral encenado durante todo o percurso da procissão.

Nesse sentido, essas encenações têm a intenção de proporcionar aos participantes da festa a vivência de momentos realistas, na tentativa de estabelecer um sentido e uma compreensão específica sobre o que seria a Semana Santa.

O espetáculo da procissão acontece fundamentado na Campanha da Fraternidade Ecumênica do ano de sua realização, por exemplo, no ano de 2016 foi apresentado o tema “Casa Comum, nossa responsabilidade” e como lema “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5,24).

Com base no projeto “Procissão do Fogaréu- Ano II”<sup>30</sup>, a abertura do espetáculo evangelizador é iniciada por um frade ou bispo. Após esse momento é apresentada a Pregação de João Batista <sup>31</sup> com todo o aparato de efeitos sonoros, fala dos personagens e fundo musical. Nesse momento, a pregação apresenta aos fiéis uma reflexão acerca da preparação do caminho destinado para o Cristo.

A festa é pautada na evangelização. O som da fanfarra e da música de fundo é contagioso e, dizem os participantes, que não há quem não resista à tentação de prestar atenção na letra da seguinte canção: “acende a tua luz! acende a tua luz! Ô igreja santa, ao encontro de Jesus”. O clima para começar a procissão é preparado com o intuito dos fiéis de prepararem o seu interior espiritual para acompanhar todos os momentos da festa: as luzes são apagadas e a procissão procede em direção a primeira parada a luz das chamas de tochas.

O itinerário é conduzido por uma multidão que tem o objetivo de buscar a Cristo para o seu destino, buscar pela evangelização, pelo fortalecimento da fé, pagar promessas, pelo conhecimento do sentido da Semana Santa e de todos os episódios vividos do Senhor, ou até mesmo apenas observar. Nesse sentido, nada escapa dos olhares dos fiéis, e assim a procissão segue seu rumo.

---

<sup>30</sup> Projeto elaborado por Dona Maria Assunção Arraes Teixeira com base em cada temática anual da Campanha da Fraternidade, visando um espetáculo de evangelização.

<sup>31</sup> A pregação de João Batista descrita no Evangelho, interpretada na festa pelo espetáculo teatral, traz a reflexão acerca da preparação do caminho para o Senhor, marcada na seguinte fala de João Batista: “Fazei penitência porque está próximo o Reino dos Céus”( Mateus 3, 1 – 13), para que assim os fiéis também possam se preparar para iniciar a festa. É nesse clima de preparação que o profeta de Deus aparece no deserto para propagar essa mensagem e batizar o povo no rio Jordão, a fim de que o povo prepare o caminho do Senhor e endireite as suas veredas, pois depois dele virá Aquele que é poderoso e que nem mesmo ele será digno de carregar suas chinelas. Após o batismo de Jesus os céus se abriram e desce o Espírito Santo de Deus com uma voz: “Eis meu filho muito amado em quem ponho minha afeição”.



Figura.10 Procissão do Fogaréu em Bacabal  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

Os palcos das paradas foram montados e estabelecidos em locais específicos durante o percurso da procissão para que breves momentos de meditação sobre os principais problemas enfrentados na sociedade atual, bem como reflexões sobre o tema e o lema da Campanha da Fraternidade do ano pudessem ser abordados e debatidos para a multidão. João Guiser, frei da ordem dos frades menores de Bacabal (franciscanos), nos relata que essas abordagens são de suma importância na caminhada, pois ela não deixa- a vazia ou monótona, tendo em vista que:

“ela é enriquecida exatamente pelos temas atuais da igreja ou da sociedade. Tema de vocação, de família, tema da Campanha da Fraternidade, tudo isso apresentado de forma dinâmica e criativa, então ai está o forte, o entrelaço entre fé e vida. Jesus aparece nessas cenas, ele se deixa encontrar por um momento, então ele é o fio condutor dessa abertura da sua vida pública, ai ele vem nos tempos de hoje e no final, o auge da sua vida e sua morte na cruz” (informação verbal).<sup>32</sup>

As reflexões continuam, e as bem-aventuranças de Jesus ou seus ensinamentos, descritas no Evangelho, são reveladas à multidão. Algumas delas ensinam que: felizes os que tem espírito de pobre, porque deles é o reino dos céus; felizes os mansos e humildes de coração, porque possuirão a terra; felizes os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados; felizes os

<sup>32</sup> Informação fornecida pelo frade franciscano João Guiser da paróquia de São Francisco das Chagas em junho de 2021.

puros de coração, porque verão a Deus; felizes sereis vós quando vos insultarem e perseguirem e, por minha causa, disserem todo tipo de calúnia contra vós; dentre outras.

No momento da apresentação que retrata a ressurreição de Lázaro por Cristo, a festa chama a atenção dos participantes para o fortalecimento de sua fé e devoção. A partir desse milagre, por sua vez, acontecem uma sequência de eventos que levam ao seu destino.

Na primeira parada de 2016 por exemplo, foi abordada a temática “Momento Brasil: Parada – Brasil parado”, na qual foi apresentada diversas músicas da cultura brasileira demonstrando o amor, o cuidado e a consciência que devemos ter pelo país que moramos, além de denúncias sobre temas relevantes da nossa sociedade, tais como corrupção, violência, desmatamento, doenças etc.

A procissão segue em direção a segunda parada. Nesse momento, as encenações dão continuidade, e é chegado o momento da representação da Última Ceia de Jesus. Esse é o instante na qual o público rememora o evento da busca de Jesus acontecido no passado, momento em que a multidão participa diretamente dessa caça. O grupo de teatro encena a noite em que o Cristo estava consciente de que a Páscoa estava se aproximando e de que seria traído por Judas Iscariotes (um de seus discípulos), naquela noite para ser cumprido o seu destino, desse modo ele manda seus discípulos a prepararem a Páscoa pois seu tempo estava próximo. Judas ao saber disso, sai apressado (Mateus 26, 17 – 29).

A representação da cena da última ceia de Jesus, relatada pelos próprios organizadores da procissão, proporciona aos fiéis católicos um regate da sua própria religiosidade, tendo em vista que a cena representa a confirmação de toda a trajetória de Jesus até seu destino, bem como seu amor, eternizando esse momento na memória de muitos fiéis. Por isso, Adna Soriano, repórter e apresentadora do jornal da Vida Rede Vida Bacabal, em que acompanharam as cinco edições da festa, nos declara que em diversas entrevistas com o povo, esse momento da procissão é de muita emoção aos católicos, além de presenciar a força de vontade dos cristãos em estarem ali praticando a sua fé, pagando a sua promessa, vivendo e acompanhando a trajetória do Cristo. Acrescentou também a emoção de acompanhar os ensaios dos atores que fizeram parte daquele momento, marcando a história da diocese.

A encenação do último ritual no palco da segunda parada é apresentada o Cristo na Eucaristia, tal como ela é representada e praticada pelos católicos. Comemora a cena:

"A noite mesma quando Ele foi entregue, Ele tomou o pão, e fazendo graça, o benzeu, o quebrou e o deu a seus discípulos, dizendo: 'Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós'.

"Da mesma maneira, ao fim da ceia, Ele tomou o cálice, e fazendo graça, o benzeu e o deu a seus discípulos, dizendo: 'Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de Mim.' "



Figura 11. Última Ceia de Jesus  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

Após a cena da última ceia, a procissão juntamente com o grupo de teatro que representa os soldados e o personagem Judas saem em busca de Cristo em direção a terceira parada, mas não o encontram. Nesse momento, o itinerário é envolvido nessa caça da procissão através das ruas escuras da cidade.



Figura 12. Busca de Jesus  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

O Evangelho para a última cena da noite indica: “Após orar pela terceira vez, Jesus afirma a seus discípulos: ‘Chegou a hora: o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores...’, pois aquele que o haver traído estava próximo junto a multidão” (Mateus 26, 36 – 46). Desse modo, acontece o momento clímax da procissão, pois é o instante em que os atores encenam a crucificação de Jesus. Segundo o projeto “Procissão do Fogaréu- Ano II, esse episódio retrata o momento final e auge da procissão com a entrada dos soldados e farricocos com o objetivo de capturar Jesus. Para isso, Judas Iscariotes combina um sinal com a multidão de gente armada de espadas e capacetes: “Aquele que eu beijar, é ele. Prenda-o!” Depois desse feito, Jesus ressalta a seus discípulos que “tudo isso aconteceu porque era necessário que se cumprissem os oráculos dos profetas”. Jesus se deixa prender e os apóstolos fogem. Os soldados levam Jesus.

Para a cena final da festa, um palco é montado especificamente para essa representação. A cena é comemorada da seguinte maneira:

O episódio histórico demonstra a ação em que Jesus carrega a cruz pesada em suas costas pelo meio do povo em prova de seu grande amor pelos pecadores. Tiram as suas roupas e depois o prendem na cruz. Ao elevarem a cruz, Jesus grita: “Eli, Eli, ‘lammá sabactámi’ ?” – o que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Os soldados e o povo zombam dele, e Jesus por sua vez, reflete: “ Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Em seguida Jesus dá um grito: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”. Jesus morre nesse momento. Após esse grito, as luzes são apagadas e o som do estrondo dos relâmpagos tomam de conta da cena. As luzes são acesas, retiram Jesus da cruz e o colocam nos braços da mãe com a música de fundo “virgem

dolorosa” canto La Pieta. Depois disso, Jesus é levado ao sepulcro. ( Projeto “Procissão do Fogaréu ano II” )



Figura 13. Crucificação e morte de Jesus  
Fonte: Rede Vida Bacabal (2019)

A Procissão do Fogaréu é encerrada com a fala do pároco da paróquia fazendo uma reflexão sobre a importância dos católicos de se prepararem para a semana mais importante da igreja católica, a Semana Santa. Logo em seguida, ele agradece a participação de todos os envolvidos e encerra o evento, mas propõe a multidão que continuem refletindo as cenas observadas e vividas durante a festa no íntimo de cada um.

Por proporcionar aos fiéis católicos impactos emocionais e espirituais, a procissão faz com que as pessoas tomem conhecimento do sentido e da mensagem que a Semana Santa objetiva. É nesse zelo pelo contexto do Fogaréu que o frei João Guiser nos afirma: “por mais espetacular que seja, a gente zela pela espiritualidade da Semana Santa, isso é o ponto crucial, é a razão de fazer tudo isso”.

O encerramento da festa marca o público de maneira que suas memórias fiquem enraizadas à espera da próxima edição. A fala do frei João Guiser (informação verbal) deixa claro esse sentimento, pois ele afirma que a ação de trabalhar, bem como participar para que o evento venha a se realizar é um verdadeiro milagre, e a primeira ideia de milagres que temos é a de que a ideia de mais edição foi realizada, acolhida e gerada nos corações de muitas pessoas, pois é quando os fiéis não desistem nas primeiras dificuldades, é quando as pessoas de

disponibilizam meses antes para preparar o evento; além dos milagres da fé, como a cura de enfermidades, enfim, são diversas as ideias de milagres.

Desse modo, a festa do Fogaréu torna-se um verdadeiro milagre à diocese de Bacabal, haja vista que conseguiu reunir pessoas das mais variadas idades e comunidades da paróquia para participar e trabalhar no seu planejamento e organização em prol de um único propósito: evangelizar. Cenas que antecederam a condenação e crucificação de Jesus marcam a Semana Santa por meio desse evento que na atualidade é considerado pelos católicos como um momento de expressão da fé e devoção em preparação para a Páscoa.

## Considerações Finais

Pensar, portanto, sobre as festas religiosas, nos remete a uma gama de celebrações litúrgicas que são apresentadas todos os anos em determinados tempos como um ciclo, assim como as procissões.

Advinda da cultura europeia transpassadas através das viagens marítimas no processo de colonização do Brasil no contexto das Grandes Navegações, a Procissão do Fogaréu é rica em significados, reinvenções e ressignificações, além do seu aspecto evangelizador. Seu viés mítico coloca em prática as relações e comportamentos fundamentados em sentidos múltiplos aos fiéis ou dos que dela observam como espectadores. A transportação da cultura europeia, bem como a prática das procissões, foi uma maneira da Coroa em impor suas vontades coloniais: exploração, dominação, extração de riquezas etc. Conforme a expansão foi crescendo em paralelo as interações sociais, as procissões passam a adquirir características distintas e significados peculiares.

Tendo fixada em terras brasileiras, a festa do Fogaréu tornou-se tradição centenária em várias partes do Brasil, enfatizadas aqui pelos Estados de Goiás e Piauí, e logo em seguida pelo município de Bacabal, no Maranhão. Em vista da liberdade de interpretações possíveis, o contexto social e cultural do próprio povo do local onde a festa se insere, é responsável diretamente pela sua permanência no tempo.

A figura simbólica do farricoco acaba sendo o personagem central da procissão devido a sua vestimenta medieval e múltiplos significados. Esse ícone sofreu ao longo dos séculos transformações em torno de seu sentido, perdendo seu caráter de penitente a soldado que dramatiza a busca da prisão de Cristo.

A festa do Fogaréu em Goiás foi estabelecida no início da sua fundação pelo padre João Perestrello Spínola, onde fundou a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. O grande apogeu, ou melhor, o ressurgimento dessa cultura artística e religiosa, após um período de abandono, se deu quando a OVAT, na década de 60, fez as necessárias intervenções para sua proteção. Atualmente essa procissão é considerada patrimônio arquitetônico mundial pela UNESCO. Dessa forma, é preservada pelo próprio povo que sente a necessidade de reconhecer sua importância histórica na cidade.

Na cidade de Oeiras (Pi) ou Cidade da Fé, devido o seu nascimento em torno de uma em torno de uma igreja católica, a procissão é participada apenas por homens, de todas as idades e classes sociais, essa limitação se deve ao fato dela representar a procura de Jesus pelos soldados romanos (sexo masculino), além de ser preservada de pai para filho.

No Maranhão, especificamente na cidade de Bacabal, a procissão se estabeleceu com êxito após análise e observação da procissão em Caxias- MA, porém causou estranhamento por parte daqueles que ainda não a conheciam. Mas que com o passar de cada ano, o evento tornou-se conhecido por muitos fiéis da cidade promovendo um verdadeiro ato de devoção e fé. Aderida ao calendário oficial de Bacabal, a festa torna-se tradição. Fiéis católicos e espectadores crescem em número a cada caminhada rumo a procura de Jesus a luz das chamas das tochas. Organizada pela própria comunidade da paróquia, o evento tem participação de pelo menos duzentas pessoas distribuídas em dezessete equipes de trabalho. São meses de preparação, incluindo momentos de reunião, espiritualidade, reflexão, compras de equipamentos, confecção de tochas, divulgações, planejamento das rotas das quais a procissão passa, ensaios, elaboração de áudios e efeitos sonoros etc. Além disso, vale ressaltar o aspecto visual da festa, na qual chama a atenção pelo vestuário dos personagens, a escuridão a luz das chamas e a multidão envolvente, que marca a vida religiosa dos católicos. Ao final da procissão, fica o sentimento de arrependimento dos fiéis ao perceberem a grandiosidade do amor da figura principal da festa, a emoção de viver os momentos do evento permanece nos corações dos que creem e o buscam. Nesse sentido, há a permanência das pessoas, das mais variadas idades, para compor as equipes de trabalho, como também viver cada momento da festa.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: Significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese (Doutorado apresentado ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARBOSA, Diego Santos; OLIVEIRA, Elza Aparecida. **A festa do Divino Espírito Santo**: entre o religioso e o secular. -1. ed. – Jundiaí, SP: Paco, 2018.

BARROS, Jussara de. "**Origem da Semana Santa**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/origem-da-semana-santa.htm>. Acesso em: 18/01/2021.

Barroso, L. Moreira. **Procissão de fogaréu em Oeiras (PI): um estudo de folkmlídia**. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, Ano 16 n.16, p. 173-183 jan/dez. 2012.

Bíblia Sagrada: **Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica)**. 91ª Edição. São Paulo: Ed. AVE-MARIA, 2013.

Brasil, Agência. **Procissão do Fogaréu reúne milhares de fiéis na Cidade de Goiás**. Fonte: Portalr3. Disponível em: <https://www.portalr3.com.br/2016/03/procissao-do-fogareu-reune-milhares-de-fieis-na-cidade-de-goias/>. Acesso em: 06/06/2020 às 02:00

BRITTO, Clovis Carvalho. **Luzes e Trevas: Itinerários da Procissão do Fogaréu em Goiás**. Trabalho apresentado na 26.ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada nos dias 01 e 02 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1258551/luzes-e-trevas--itiner%C3%A1rios-da-prociss%C3%A3o-do-fogar%C3%A9u-em-goi%C3%A1s> . Acesso em: 02/06/2020, às 22:00.

CAES, André Luiz. **Interpretações Acadêmicas sobre a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás**: Um Olhar sobre Algumas Bibliografias. Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 10, n. 1, jan./abr. 2019 – ISSN 2179-6386.

CARVALHO, Cláudio Viveiros de. **A situação das Santas Casas de Misericórdia**. Brasília, 2005.

CLAVAL, Paul. **A festa religiosa**. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 1, p.06-29, abr/2014.

COUTO, E. S. (2008). **Devoções, Festas e Ritos**: algumas considerações. *Revista Brasileira De História Das Religiões*, 1(1). Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v1i1.26618>

CURADO, João; LOBO, Tereza. **Herança Ibérica na América Latina**: As Procissões Católicas de Pirenópolis-Goiás. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. 2005.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

FREITAS, Carlos. (18 de março de 2020) **Procissão do Fogaréu, na cidade de Goiás, é cancelada em 2020.** Fonte: aproveite a cidade. Disponível em: [https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/goias/procissao-do-fogareu-na-cidade-de-goias-e-cancelada-em-2020/?utm\\_source=Carlos+Freitas&utm\\_campaign=diaonline-author](https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/goias/procissao-do-fogareu-na-cidade-de-goias-e-cancelada-em-2020/?utm_source=Carlos+Freitas&utm_campaign=diaonline-author). Acesso em: 05/06/2020 às 21:00.

Jovens Conectados; Portal Canção Nova. **Entenda o significado de cada dia da Semana Santa.** Disponível em: <https://jovensconectados.org.br/entenda-melhor-o-significado-de-cada-dia-da-semana-santa.html>. Acesso em: 18/01/2021.

LOPES, F. E. L. de Brito.; OLIVEIRA, S. H. Andrade de.; MORAIS, M. Lima de. **Oeiras: uma memória viva.** CONTRAPONTO: Revista do departamento de história do programa de Pós-Graduação em história do Brasil da UFPI. Teresina, v.05, n.1 jan./jun. 2016.

MARREIROS, Lucas. **Tradição centenária do Fogaréu é passada de pai para filho em Oeiras.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/04/18/tradicao-centenaria-do-fogareu-e-passada-de-pai-para-filho-em-oeiras.ghtml>. Acesso em: 14/01/2021.

**Moodle antigo do Stoa. História da Música II.** Fonte- Grove Dictionary of Music and Musicians-third edition. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://moodle.stoa.usp.br/mod/glossary/view.php?id=38153>. Acesso em: 06/06/2020 às 01:20.

Museu da Misericórdia. **Igreja da Misericórdia.** Disponível em: <https://www.museudamisericordia.org.br/igreja-da-misericordia/index.html>. Acesso em: 19/06/2020 às 20:30.

OLIVEIRA, Elza. **Procissões - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular.** Sacrilégens, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 15-32, jul-dez/2012.

**PASCHOAL, Fábio Mitsuka. Procissão do Fogaréu encena perseguição a Cristo em Goiás Velho.** Fonte: Viagem. Disponível em: <https://viagemturismo.abril.com.br/destinos/procissao-do-fogareu-encena-perseguiacao-a-cristo-em-goias-velho/>. Acesso em: 06/06/2020 às 02:00.

PINHEIRO, Ana. **A Dádiva no Ritual da Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás, GO, Goiânia.** 2004 Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião– Departamento de Filosofia e Teologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo, brasiliense, 1994.

Procissão do Fogaréu agora incluída no calendário oficial de Bacabal. **São Francisco das Chagas,** Bacabal, 20 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.saofranciscodaschagas.com.br/2017/04/procissao-do-fogareu-agora-incluida-no.html>.

ROSA, Rafael Lino. **Dor e sacrifício: o imaginário religioso católico vilaboense.** Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2016.

SILVA, Rodrigo dos Santos e. **“O Futuro de Goiás é o Passado”**: A Organização Vilaboense de Artes e Tradições e os itinerários da salvaguarda das referências culturais da cidade de Goiás-GO. Brasília: UNB, 2019.

SILVEIRA, Luciano Cintra. **Bajulans**: Ontem e Hoje. Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Theydson Willer Abreu. **Religiosidade Católica em Oeiras-PI**: História e Memória da Procissão do Fogaréu (1980-2000). Picos, PI. 2013.